

O QUE SOCIOLINGUISTAS TÊM A DIZER À SOCIEDADE APÓS 200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA DO BRASIL?

JULIANA BERTUCCI BARBOSA
MARCIA MACHADO VIEIRA
RAQUEL MEISTER KO. FREITAG
(ORGANIZADORES)

**O QUE SOCIOLINGUISTAS TÊM A DIZER À SOCIEDADE APÓS
200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA DO BRASIL?**



JULIANA BERTUCCI BARBOSA
MARCIA MACHADO VIEIRA
RAQUEL MEISTER KO. FREITAG
(ORGANIZADORAS)

**O QUE SOCIOLINGUISTAS TÊM A DIZER À SOCIEDADE APÓS
200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA DO BRASIL?**

1^a Edição

Quipá Editora
2025

Copyright © dos autores e autoras. Todos os direitos reservados.

Esta obra é publicada em acesso aberto. O conteúdo dos capítulos, os dados apresentados, bem como a revisão ortográfica e gramatical são de responsabilidade de seus autores, detentores de todos os Direitos Autorais, que permitem o download e o compartilhamento, com a devida atribuição de crédito, mas sem que seja possível alterar a obra, de nenhuma forma, ou utilizá-la para fins comerciais.

Pareceristas: Maíra Sueco Maegava Cordula (PPGEL/UFU, Uberlândia, Brasil), Maria Eunice Barbosa Vidal (UFTM, Uberaba, Brasil), Marlúcia Alves (UFU, Uberlândia, Brasil), Micaela Ramon (Universidade do Minho, Portugal), Niguelme Cardoso Arruda (IFSC, Criciúma, Brasil)

Apoio: CNPq.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S678 O que sociolinguistas têm a dizer à sociedade após 200 anos de independência do Brasil? / Organizado por Juliana Bertucci Barbosa, Marcia Machado Vieira e Raquel Meister Ko. Freitag. — Iguatu, CE : Quipá Editora, 2025.

72 p. : il.

ISBN 978-65-5376-461-3

DOI 10.36599/qped-978-65-5376-461-3

1. Sociolinguística. 2. Português brasileiro. 3. Independência do Brasil. I. Barbosa, Juliana Bertucci. II. Vieira, Marcia Machado. III. Freitag, Raquel Meister Ko. IV. Título.

CDD 407

Elaborada por Rosana de Vasconcelos Sousa — CRB-3/1409

Obra publicada pela Quipá Editora em maio de 2025.

Quipá Editora
www.quipaeditora.com.br
@quipaeditora

PREFÁCIO:

A SOCIOLINGUÍSTICA COMO FERRAMENTA DE LETRAMENTO CIENTÍFICO E SOCIAL

Cecília Farias

Centro de Referência do Museu da Língua Portuguesa

Aquelas coisas que nos são mais familiares costumam ser as que menos notamos, de tão internalizadas que estão. A língua deve ser um dos melhores exemplos disso. Ao ouvirmos uma pessoa pela primeira vez, existe uma espécie de conhecimento tácito que faz com que já esperemos que ela seja de um determinado lugar, de um determinado grupo social, até mesmo com uma certa orientação sexual. Claro, podemos fazer uma análise equivocada, quando não preconceituosa. Mas verdade é que há muitos fatores na forma de falar que mobiliza conhecimentos que as pessoas nem sabem que têm.

As línguas, orais ou sinalizadas, são fenômenos compartilhados por todos os seres humanos, e, conscientemente ou não, as pessoas têm opiniões sobre esse fenômeno. Essas crenças podem muitas vezes parecer inofensivas, mas também podem ter implicações reais e materiais na vida dos falantes, dado que a língua é algo constitutivo da identidade das pessoas e está relacionada com a cultura e a forma de estar no mundo. Reside nisso a importância de um projeto que faça circular entre pessoas não linguistas as discussões sobre o tema, e isso precisa ser feito de maneira acessível e estimulante, de modo que a sociedade se sinta pertencente a esse universo – afinal, não são todos os falantes construtores das línguas?

A divulgação científica cumpre diversas funções sociais, a começar pelo próprio letramento científico, que deve ser tratado como um direito universal, fundamental para a construção de uma sociedade democrática e participativa. Mas talvez a primeira função da divulgação seja a democratização dos sonhos, isto é, o acesso às escolhas, isso significa possibilitar que todas as pessoas possam, caso queiram, sonhar com uma trajetória nesse campo.

Além disso, trata-se uma via de mão dupla: ao mesmo tempo que a sociedade civil se beneficia enormemente ao ter acesso e poder participar do que é produzido na Academia, esta também se enriquece com a inclusão de uma diversidade maior de perspectivas e ao ser reconhecida e validada socialmente.

Uma das estratégias do Museu da Língua Portuguesa é explicitar esse conhecimento linguístico prévio que todo falante tem da língua. Às vezes, mostrando a origem em outras línguas do falar cotidiano, como palavras, pronúncias ou estruturas sintáticas. Outras vezes, colocando frente a

frente as diversas formas de falar no Brasil, sejam variedades do próprio português, sejam as centenas de línguas aqui faladas, como meio de evidenciar a possibilidade do convívio com a diferença. Também a paisagem linguística é explorada, mostrando as diversas formas como a língua ocupa o mundo visualmente. Isso tudo de uma forma prazerosa e divertida, conduzindo o público por meio de atividades culturais e entretenimento e explorando o que ele já sabe sobre língua.

Entende-se que conhecer a formação do português brasileiro, e como surgem as suas variedades, nos ajuda a entender quem somos, que somos diversos e a respeitar os diferentes caminhos que a língua trilhou. Língua e cultura são duas dimensões formativas de quem somos, nós as construímos ao mesmo tempo que somos construídos por elas. Por isso também as duas estão intrinsecamente relacionadas: língua e cultura se constroem mutuamente. Ressaltar essa conexão é uma estratégia adotada pelo Museu da Língua Portuguesa, que se coloca como aliado nas iniciativas de divulgação científica dos estudos da linguagem.

Ao desvendar como a linguagem reflete e molda as relações sociais, identidades e culturas, esta obra oferece uma contribuição valiosa para a comunidade não acadêmica. Os conceitos aqui apresentados propiciam uma reflexão, entre outras, acerca da diversidade linguística, das relações de poder que as formas linguísticas podem apontar, da importância de respeitar diferentes formas de falar. Isso não apenas combate estereótipos e discriminações, como também fortalece a autoestima de falantes de variedades linguísticas marginalizadas, incentivando uma comunicação mais inclusiva e empática no dia a dia. Assim, a Sociolinguística se torna uma ferramenta de transformação social, conectando teoria acadêmica à realidade cotidiana.

Convidamos a leitura desta obra para compreendermos um pouco sobre os vários laços, contribuições e possibilidade da Sociolinguística!

INTRODUÇÃO:

CONTEXTUALIZANDO O LEITOR(A)

*Juliana Bertucci Barbosa
Marcia Machado Vieira
Raquel Meister Ko. Freitag*

No ano de 2022, comemoramos 200 anos de independência do Brasil e nós, sociolinguistas pesquisadores-professores-usuários de linguagem, temos muito a dizer nesse momento sobre a formação social, cultural e histórica do Português Brasileiro, identidades e crenças de comunidades brasileiras, características do Português Brasileiro, línguas presentes em nosso território ou em interação com o Português Brasileiro, ensino de Português e suas variedades na Educação Básica, diretrizes e documentos relacionados, respeito linguístico e tantos outros assuntos. Por isso, a ideia é organizar uma obra gratuita com textos curtos que tenham como público-alvo a comunidade brasileira ampla ou mesmo comunidade estrangeira interessada, buscando estabelecer diálogo dos sociolinguistas com a sociedade em geral e buscando mostrar claramente as ações e os impactos destas em prol do desenvolvimento da sociedade brasileira via observações sobre linguagem.

A divulgação da ciência e sua popularização é uma ação de inclusão social, por isso contamos com os membros do GT de Sociolinguística para este projeto, colaborando com a popularização da Linguística no Brasil e além. Afinal, um dos Programas a promover a ciência linguística é o Programa Leitorado da Capes que depende de sujeitos que formamos na universidade.

A importância da popularização da ciência pode ser encontrada no site do CNPq: <http://cnpq.br/por-que-popularizar>. Podemos ter como público-alvo, de partida pelo menos, pessoas de todas as áreas da ciência, colegas com que convivemos na universidade e fora dela, pessoas da sociedade a quem tivermos de falar sobre algo da pesquisa que impacte em relações ou identidades sociais. Nossa intuito é interagir sobre nosso fazer com leigos na nossa área. E o perfil do público a perspectivar será precisamente delimitado em função de cada intento/ação de interação que os sociolinguistas tiverem em foco.

Buscando atender essa demanda e responder ao questionamento “o que nós, Sociolinguistas, temos a dizer à sociedade após 200 anos de independência do Brasil?” organizamos este material, buscando, em uma linguagem não técnica, evidenciar um pouco das contribuições da área de Sociolinguística, conceitos, o que já descobrimos até aqui!

Venha fazer essa leitura conosco, divulgue o que leu e conheceu sobre a Sociolinguística com colegas! Ah...você também vai descobrir o que é Sociolinguística aqui! Descubra e redescubra a um pouco sobre o Brasil aqui!

SUMÁRIO

PREFÁCIO: A SOCIOLINGUÍSTICA COMO FERRAMENTA DE LETRAMENTO CIENTÍFICO E SOCIAL

Cecilia Farias

INTRODUÇÃO: CONTEXTUALIZANDO O LEITOR(A)

Juliana Bertucci Barbosa

Marcia Machado Vieira

Raquel Meister Ko. Freitag

POR QUAIS VEREDAS TERIA PERCORRIDO O PORTUGUÊS 10 BRASILEIRO DESDE A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL?

Claudio de Alencar Padua

Elmaria Oliveira Lima

Maria Cecilia Mollica

VOCÊ SABE O QUE É HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA?

25

Talita de Cássia Marine

Juliana Bertucci Barbosa

“ESSA DOEU NO OUVIDO”: DESVELANDO A CONSCIÊNCIA 32 SOCIOLINGUÍSTICA

Raquel Meister Ko. Freitag

QUE DIÁLOGOS SÃO URGENTES PARA ASSEGURAR A PERMANÊNCIA 40 E O USUFRUTO DO PATRIMÔNIO LINGUÍSTICO E CULTURAL DO BRASIL PARA GERAÇÕES PRESENTES E FUTURAS?

Marcia dos Santos Machado Vieira

Raquel Meister Ko Freitag

Juliana Bertucci Barbosa

PROJETO LÍNGUA EMCENA: COMO OS LINGUISTAS ESTUDAM A 45 MUDANÇA LINGUÍSTICA A PARTIR DA PRESERVAÇÃO DE UM PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL?

Rosane de Andrade Berlinck

Silvia Maria Brandão

Marcus Garcia de Sene

Caroline Carnielli Biazolli

Milena Aparecida de Almeida

**SOCIOLINGUÍSTICA E PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA 54
(PLE)? JÁ DEU MATCH!**

*Natalia Fonte Boa Romualdo
Juliana Bertucci Barbosa*

**DIÁLOGOS ENTRE SOCIOLINGUÍSTICA E EDUCAÇÃO BÁSICA 60
BRASILEIRA**

*Maria do Socorro Vieira Coelho
Gilvan Mateus Soares*

SOBRE OS AUTORES

69

POR QUAIS VEREDAS TERIA PERCORRIDO O PORTUGUÊS BRASILEIRO DESDE A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL?

Claudio de Alencar Padua

Elimaria Oliveira Lima

Maria Cecilia Mollica

INTRODUÇÃO



Figura 1: Mapa Político do Brasil na época da Independência. Fonte: Wiki Commons, licença Creative Commons Atribuição-Compartilhamento 4.0 Internacional

inovações processadas no Novo Continente, desde o Brasil Colônia, que deram início ao processo de distanciamento do Português Europeu (PE) em relação às variedades faladas no território brasileiro.

Inúmeras pesquisas vêm mostrando a apartação que se verifica historicamente entre o Português da Península Ibérica (PE) e o Português do Brasil (PB). Os processos linguísticos aqui focalizados permitem confirmar algumas motivações que permitiram o distanciamento das variedades do português europeu em relação às do português brasileiro. Nem sempre é possível obter evidências robustas para a comprovação diacrônica da emergência de inovações linguísticas, assim como seus percursos trilhados. No entanto, esse não é o caso das formas de P4 nem de estratégias de negação.

A respeito das possibilidades de processamento pronominal da 1ª pessoa plural no PB, o estudo pioneiro de Omena (1986) e de Omena e Braga (1986) revelam que ‘a gente’ sofreu processo de gramaticalização rumo ao Novo Continente, de tal modo que os traços primários de ‘a gente’ se mantiveram intactos no PE mas desembocaram no PB como uma variante pronominal. Lima (2020;

2021) comprova, em amostra do Maranhão, o efeito de fatores concorrentes para o câmbio em consonância com vários outros estudiosos que se debruçaram e se debruçam sobre o tema e comprova a trajetória percorrida pelas formas pronominais.

A respeito das estruturas de negação no PB, Roncarati (1996) já registrara o distanciamento do PE em relação ao PB, quando aludiu a raríssimas formas no PE tão somente em textos literários. Padua (2021) retorna, então, aos diversos estudos sobre as estruturas negativas voltadas para o PB e vem confirmando a supremacia da negação pré-verbal no PE e assinalando o caráter inovatório da dupla negação e da negação pós-verbal no PB.

Nós ou a gente? A primeira pessoa do plural no Português Brasileiro

Estudos sobre a variação pronominal têm apontado uso alternado dos pronomes *nós* e *a gente* para designar a 1PP no Português Brasileiro. Eles mostram que, na língua falada, gradativamente, a forma *a gente* tem ocupado o espaço do pronome *nós*, sendo essa tendência caracterizada como processo de mudança linguística condicionada por fatores linguísticos e sociais.

No Português Europeu, a expressão pronominal *a gente* também já é realidade, porém, de acordo com Viana e Lopes (2012), as investigações indicam que a variação entre as formas de primeira pessoa do plural, embora presente semelhanças com o que se observa para o fenômeno no Português Brasileiro, é fundamentalmente determinada por fatores sociais e não caracteriza um processo de mudança em curso.

A partir de duas canções da fadista portuguesa Amália Rodrigues, *Cantiga da gente boa* e *Ai, a gente, ai, a vida*, podemos observar a forma linguística realizada como pronome de primeira pessoa do plural (*a gente* tem) e como substantivo (minha *gente*, *gente* de juízo, *ai*, *as gentes*). Dentro os três exemplos empregados como substantivo, o mais incomum no Português Brasileiro talvez seja a forma no plural *as gentes*, usando-se preferencialmente a expressão *pessoas*.

[...]

*Os filhos sorriem, o Manel também,
Não há melhor vida que aquela que a gente tem!*

*Menino Jesus, meu botão de rosa,
Faz que a minha gente não seja má nem vaidosa!
Menino Jesus, boquinha de riso,
Faz que a minha gente seja gente de juízo!*

<https://www.letras.mus.br/amalia-rodrigues/564091/>

[...]

*Ai, as gentes, ai, a vida
Que amargos frutos me dão!
Sonho uma árvore florida
E apanho frutos no chão*

[...]

<https://www.letras.mus.br/amalia-rodrigues/563814/>

De acordo com Omena (1996) e Lopes (1999), a implementação de *a gente* no quadro pronominal brasileiro iniciou-se entre os séculos XVII e XVIII a partir do processo de gramaticalização do nome *gente* para o pronome *a gente*. No processo de câmbio, o item lexical passou por modificações em suas propriedades sintática, morfológica, semântica e fonológica, perdendo sua autonomia na língua a tal ponto de assumir funções específicas de pronome (Menon, 1997). A forma *a gente* passou a se correlacionar a adjetivos no masculino ou feminino de acordo com o gênero do referente (*a gente* está tranquila – referência exclusiva a mulheres /*a gente* está tranquilo – referência mista, ou a homens), o que ocorre também com o pronome *nós* (*nós* estamos tranquilas/*nós* estamos tranquilos). O nome *gente*, por sua vez, admite apenas a concordância no feminino, mesmo que o referente seja do gênero masculino (essa *gente* não sabe o que faz). A esse respeito, Coelho *et al.* (2018:156) acrescentam:

No percurso de gramaticalização, postula-se que *a gente* resultou do seguinte processo: de ‘gente’ (nome genérico) para ‘*a gente*’ (pronome indefinido) e deste para o pronome pessoal ‘*a gente*’. A forma pronominal continua mantendo uma relação de concordância com o traço formal originário da flexão verbal (morfema *zero*), porém, a interpretação semântico-discursiva se altera, passando a incluir o falante.

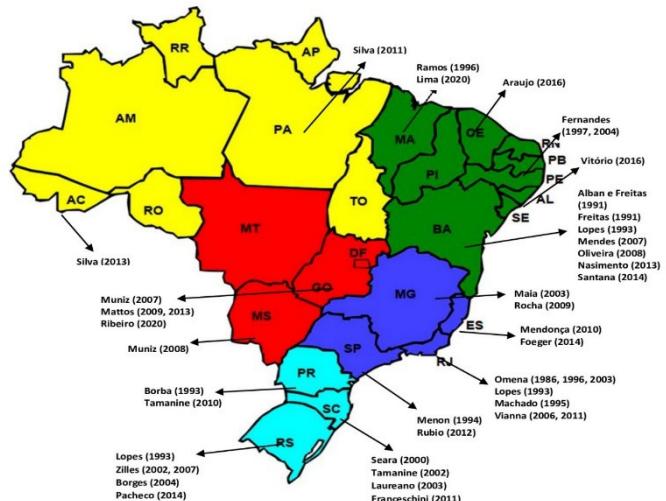


Figura 2 - Estudos sobre os pronomes de primeira pessoa do plural no Brasil. Fonte: Vianna e Lopes (2015, p. 110),

Observa-se que, na forma gramaticalizada *a gente*, há também resquícios de etapas anteriores como a flexão verbal e a referência genérica, e de traços do significado original do item lexical *gente*, uma vez que o pronome ainda mantém um sentido de coletividade, seja eu + alguém, eu + eles ou eu + vocês.

Por meio de estudos realizados em várias regiões do Brasil¹, observou-se que *a gente* vem coexistindo com a variante *nós* sob o efeito tanto de fatores linguísticos quanto de fatores não linguísticos. Nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, as descrições voltadas para a variação *nós ~ a gente* abrangem todos os estados, porém alguns estados das regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste permanecem ainda no aguardo de pesquisa para se ter, assim, visão global em relação à reorganização do sistema pronominal no Português Brasileiro.

Lima (2020, 2021) se volta para a fala maranhense e toma também como base os pressupostos teóricos-metodológicos propostos por Labov (2008 [1972]). A amostra inicial se compõe de 12 inquéritos organizados em três dimensões de estratificação: sexo, masculino e feminino; faixa etária, 18 a 30 anos e 50 a 65 anos; localidade, São Luís e Barra do Corda. Lima (2020) também investigou o efeito das variáveis linguísticas paralelismo linguístico, tipo de referência e preenchimento do sujeito. De acordo com a pesquisadora, das 639 ocorrências dos pronomes de 1PP na posição de sujeito na fala maranhense, 454 são de *a gente*, o que corresponde a 71% das ocorrências, 185 são de *nós*, correspondendo a 29% dos dados. O resultado vai ao encontro dos achados de Silva (2013), Mattos (2013), Borges (2004), Omena (1996), Rubio (2012), Machado (1995), pesquisadores que confirmam a preferência do emprego do pronome *a gente* no português brasileiro.

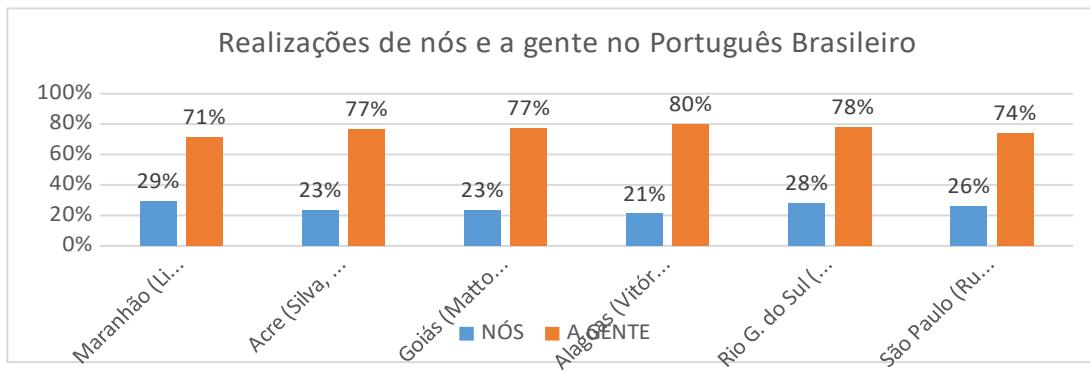


Figura 3: Fonte LIMA (2020, 2021)

Quanto às variáveis linguísticas analisadas em amostra do Maranhão, as pesquisas também são convergentes. A variável paralelismo linguístico consiste na tendência de o falante repetir uma mesma variante em uma sequência discursiva. Omena (1996) argumenta que a probabilidade de o falante escolher *nós* ou *a gente* na primeira referência é a mesma, no entanto, depois de feita a escolha, essa será decisiva para o uso na sequência:

¹ Link para consulta de estudos realizados no Brasil entre 1986 e 2022 dos quais temos conhecimento: https://www.canva.com/design/DAFD_VY-HdM/74odEng9nWwH9S5jo1-CwA/view?utm_content=DAFD_VY-HdM&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton

- Rapá, eu chamo ela pra **nóis** sai e tal, e pronto. **Nóis** sai mehmo. Se ela for mehmo é bom dimais. (Lima, 2020)

- Ele fez três viagem pra poder levar **a gente** pra esse lugar. Sei que **a gente** chegou lá, era duas horas da tarde. (Lima, 2020)

Os resultados encontrados por Lima (2020) também confirmam a hipótese. De acordo com a autora, a probabilidade da emergência do emprego da forma *a gente*, ao invés de *nós*, é significativamente maior quando o falante utiliza também *a gente* em oração antecedente. O mesmo ocorre com o pronome *nós*.

Apesar de os pronomes *nós* e *a gente* possuírem o mesmo significado referencial, o de primeira pessoa do discurso no plural, eles apresentam diferenças semânticas quanto ao grau de determinação desse referente, como evidenciam Menon (1994), Omena (1996), entre outros. Os exemplos a seguir mostram o pronome *a gente* sendo empregado com referência genérica, em que o pronome remete a qualquer pessoa/todo mundo, e o pronome *nós* sendo empregado com referência específica, em que o falante se refere às pessoas do lugar onde ele mora.

- *A gente* começa a parar pra pensar: será que só eu existo no mundo, não tem outro, né? Outro planeta, outro sei lá... (Lima, 2020).

- Pra **nóis** aqui, **nóis** chama é sereno. (Lima, 2020)

A pesquisa de Lima (2020, 2021) revela que o pronome *a gente* está mais associado a sujeitos genéricos e indefinidos, sendo usado normalmente para delimitar categorias. Em contrapartida, o pronome *nós* está associado a sujeitos mais específicos e definidos, sendo usado normalmente para determinar um número completo e limitado de pessoas

A investigação de Lima tem se voltado também para o preenchimento do sujeito. A pesquisadora entende que sujeito pronominal preenchido corresponde à situação em que as formas pronominais *nós* e *a gente* são expressas foneticamente na indicação da primeira pessoa do plural; já o sujeito pronominal não preenchido é indicado por meio da desinência verbal (*-mos* ou *Ø*), como mostram os exemplos:

- Leblina. Sempre é o que **a gente chama** aqui pra nossa região (Lima, 2020).

- É tipo... uma liga pra outra e diz: ah, **Ø vamos** fazê alguma coisa hoje? **Ø vamos**. Mas **Ø vamu** fazê o quê? (Lima, 2020)

Os resultados encontrados na variedade maranhense apontam para uma maior tendência ao preenchimento dos pronomes pessoais, bem como para uma preferência de uso do pronome *a gente* quando este é expresso foneticamente. São quantitativos compatíveis aos achados de Tamanine (2010) que demonstram que o sujeito preenchido é mais recorrente para o pronome *a gente*. Tal tendência pode ser compreendida por uma atitude do falante indicando que a flexão verbal e o contexto oracional não são suficientes para dispensar o emprego do pronome.

Voltando-se para fatores sociais, os resultados no Maranhão se mostram compatíveis com achados em outros estudos. Lima (2020) encontrou o favorecimento para o uso do pronome *a gente* em São Luís, enquanto Barra do Corda prefere a forma do pronome *nós*. Esses resultados podem estar relacionados ao fato de que São Luís, por ser a capital do Estado, envolve maior mobilidade dos falantes. O resultado encontrado em Barra do Corda, por sua vez, pode estar também correlacionado com a questão do “isolamento” dessa comunidade e com consequente conservadorismo linguístico. Note-se que os estudos de Maia (2003) e de Muniz (2007) reafirmam que, nos grandes centros urbanos, a forma inovadora *a gente* encontra-se em estágio mais avançado.

Quanto à faixa etária, Borges (2004), Tamanine (2010), Zilles (2002) Omena (1986) mostram que indivíduos mais jovens utilizam com mais frequência a forma pronominal *a gente*, enquanto pessoas mais idosas preferem o pronome *nós*. Lima (2020), no entanto, constatou que, na fala maranhense, são os mais jovens que favorecem o pronome conservador, o que vai de encontro à grande maioria dos resultados obtidos em outras pesquisas, os quais apontam que as pessoas mais jovens são mais propensas a mudanças e os mais idosos tendem a ser mais conservadores.

Desta feita, as pesquisas empreendidas por Lima (2020, 2021) vêm permitindo constatar que tanto os fatores linguísticos quanto os extralingüísticos influenciam a escolha de uma ou outra forma pronominal e que a forma *a gente* parece já estar incorporada à gramática da comunidade maranhense, destacando-se como a forma pronominal preferida para representar a primeira pessoa do plural, embora ainda em concorrência com o pronome *nós*.

Estratégias de negação? Há mais de uma?

Afirmar e negar são atos linguísticos universais, presentes em todas as sociedades, em todas as culturas, em todas as línguas, orais ou de sinais, através dos tempos, de sorte que, desde a mais tenra idade, já entre os 18 e 24 meses de vida, um bebê parece ser capaz de compreender uma proposição negativa, como têm apontado as pesquisas de De Carvalho e colegas (2021). Pode-se afirmar, negar, confirmar, denegar, tanto verbalmente como por movimentos, por gestos, por expressões faciais ou até mesmo por alterações na entonação. Como falantes de uma língua da família indo-europeia, costumamos acreditar que todas as línguas naturais fazem uso de estratégias similares às nossas para a construção das sentenças negativas, mas essas estratégias são diversas e às vezes as línguas selecionam mais de uma.

Podemos verificar, inicialmente, duas estratégias de negação sentencial, levando em conta o contraste que se estabelece entre sentenças afirmativas e negativas. Segundo Miestamo (2013), uma negativa é considerada assimétrica quando a diferença para com uma sentença afirmativa não é

expressa (apenas) pelo acréscimo de um marcador de negação à afirmação, como, por exemplo, pelo uso de modos verbais irreais (*irrealis*), sem que seja necessária a aposição de um morfema negativo. Já nas negativas simétricas, aquelas que nos interessam neste momento, um morfema de polaridade negativa é simplesmente inserido na sentença afirmativa em posição anterior, posterior ou interna, adjungido ou não, ao verbo. No mapa abaixo (Fig. 4), podemos ver como se distribuem as diferentes estratégias de negação simétrica nas línguas naturais, faladas ou sinalizadas, pelo mundo.

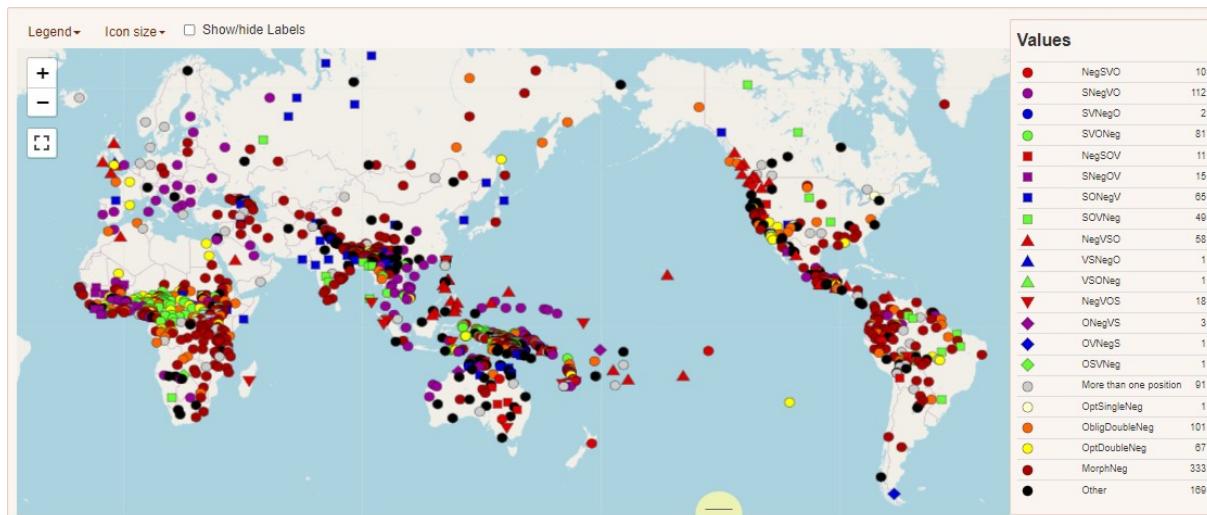


Figura 4: Posição relativa [morfema de negação]/[verbo]. Fonte: WALS²

Qual é a estratégia de negação no português?

Vou não, quero não, posso não

Minha mulher não deixa não

Não vou não, quero não

(Trecho da canção “*Minha mulher não deixa não*”, de Reginho e Banda Surpresa)³

A negação simétrica, com o morfema de negação independente do verbo, é padrão nas línguas indo-europeias, como as românicas, as germânicas, as eslavas e o grego. Essa forma padrão, então, pode se dividir em novas categorias, de acordo com a ordem privilegiada para a posição relativa [morfema de negação]/[verbo], a saber: (1) negação pré-verbal ([NEG] VP), N1; (2) dupla negação, [NEG] VP [NEG], N2; (3) negação pós-verbal (VP [NEG]). Além da forma padrão, podem

2 Para entender melhor as formas de negação em diferentes línguas naturais por todo o mundo, sugerimos uma visita ao Atlas Mundial das Estruturas das Línguas, **WALS – The World Atlas of Language Structures Online**, organizado por Matthew S. Dryer, disponível no endereço <https://wals.info/>. Ainda no WALS, em seu capítulo 143, Dryer, ao tratar da ordem relativa [morfema de negação]/[verbo], categoriza as línguas naturais que fazem uso da estratégia da negação padrão simétrica em 17 tipos, incluindo diferentes formas de construção que vão desde as mais comuns, com morfema se posicionando obrigatoriamente antes ou depois do verbo, a outras que admitem maior flexibilidade e até mesmo uma que usa estratégia tonal para definir a negação. Entre as 1325 línguas catalogadas no banco de dados, a forma marcadamente preponderante é a negação pré-verbal (incluídas as formas em que o morfema de negação pode ou não estar adjungido ao morfema verbal) – 727, isto é, 54,57% do total.

3 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uYFFNOqwFq0>

conviver ainda, normalmente por questões discursivo-pragmáticas, duas ou mais estratégias diferentes.

No português como nas demais línguas românicas, manifestamente se verifica a preferência pela estratégia de negação em posição pré-verbal (N1), a padrão. Ainda se verifica, em praticamente⁴ todas, a dupla negação [NEG] VP [NEG] (N2), em que a partícula autônoma “não”, pré-verbal, é associada a expressões (pronominais, adverbiais ou conjuncionais) “forclusivas” (do francês, *forclusif* – partícula pós-verbal) inherentemente negativas, como nada, ninguém, nenhum etc., da mesma forma que no latim vernacular do período posterior ao séc. II EC, falado nas regiões que faziam parte do Império Romano. Cabe ressaltar, porém, que, no latim clássico, em sua forma de prestígio e na escrita, eram impedidas estruturas duplamente negativas, de forma que, para a sentença “**não comprei nada**”, a única estrutura possível seria “***non emisti aliquid***” (literalmente: não comprei algo) (PERSSON, 2018). No que toca as línguas germânicas, a preferência recai sobre a posição pós-verbal (N3)⁵, embora também se verifiquem, entre estas, algumas que apresentem ocorrências da negação pré-verbal, ainda que somente em determinados contextos bem marcados, definindo diferentes estratégias com propriedades idiosincráticas.

O inglês, língua germânica, e o francês, língua românica, apresentam pequenas diferenças com relação às suas irmãs. Nas variações padrão da primeira, a negação só ocorre na posição posterior ao verbo auxiliar⁶, enquanto na segunda, a negação é sempre dupla⁷. Ao analisar estes dois fenômenos e depois de um estudo diacrônico, o linguista dinamarquês Otto Jespersen (*cf.* JESPERSEN, 1917 : 479-482) propôs que se tratasse, respectivamente, de mudança consolidada e mudança em curso na estratégia de negação, derivada da perda gradual de força da partícula pré-verbal, seguida pela adjunção de uma partícula “forclusiva” de polaridade negativa e posterior apagamento completo do morfema pré-verbal – hipótese conhecida atualmente como “Ciclo Jespersen”.

4 Não podemos, neste momento, afirmar categoricamente, pois só consultamos informantes dos idiomas catalão [***no he comprat res***], espanhol [***no he comprado nada***], francês [***je n'ai rien acheté***], italiano [***non ho comprato niente***] e romeno [***nu am cumpărăt nimic***], para a forma, em português, “**não comprei nada**”. A existência de negação com “forclusão” é atestada na literatura para línguas como o ladino, o bretão e o galês, além de dialetos como o occitano, o gascão béarnais, o romanche surmiran e alguns dialetos italianos (*cf.* MULLER, 2004, p. 3).

5 Em holandês: “***ik koop niet***”, “***ik koop niets***”, “***Ik heb niets gekocht***”; em alemão: “***Ich kaufe nicht***”, “***Ich kaufe nichts***”, “***Ich habe nichts gekauft***”. (“Eu **não** compro”, “**Não** compro **nada**” e “**Não** comprei **nada**”).

6 Embora o padrão da língua inglesa só permita construções dos tipos “***I buy nothing***” ou “***I don't buy anything***” (não compro nada), verifica-se também, em algumas variações dialetais do inglês estadunidense, como no AAVE (*African American Vernacular English*), a forma “***I don't buy nothing***”, denominada *negative concord* (concordância negativa). No capítulo do WALS que trata da ordem dos constituintes na negação, Dryer (2013) exclui o inglês da classificação de língua com negação pós-verbal, uma vez o autor, por questões metodológicas que levam em consideração outros fenômenos morfossintáticos, toma como referência o verbo principal, excluindo desta classificação aquelas línguas, como no caso do inglês, em que o morfema de negação é adjungido ao verbo auxiliar.

7 “***Je n'achète pas du pain***” (não compro pão), “***je n'achète rien***” (não compro nada), “***je n'ai rien acheté***” (não comprei nada).

Nas variedades do PB hodierno, é possível se identificar a coexistência das três diferentes estruturas, ainda que com frequências diferentes. A ressalva a ser feita é que, além da dupla negação idêntica à das demais línguas românicas, o português parece apresentar a inovação na qual o advérbio de negação “não” aparece em eco, da seguinte forma: [NUM/NÃO] VP [NÃO]. Por outro lado, em PE, apesar de conviverem duas formas de negação (pré-verbal e dupla negação⁸), identicamente às demais línguas românicas, o uso do “duplo não”, diferentemente do PB, é verificado apenas em contextos muito marcados (seja para corrigir ou negar uma afirmação anterior, seja para confirmar uma negação anterior)⁹.

Schwegler (1987), ao analisar as estratégias de negação das variedades do PB e do espanhol dominicano, postula que a convivência entre as três estratégias de negação (N1, N2 e N3) caracterizaria uma etapa do Ciclo Jespersen, indicando a direção para a mudança (N1>N2>N3), cujo avanço (ou não) estaria vinculado à atuação de efeitos diatópicos associados à gênese da negação no Brasil, proposta seguida por Furtado da Cunha (1996). Nesse sentido, o autor defende ainda a possível influência das comunidades afro-brasileiras, favorecendo a hipótese de pidginização e crioulização de uma língua afro-brasileira, a partir do século XVII.

Entre os autores brasileiros, quem lançou os fundamentos para a pesquisa sobre as formas de negação no PB foi Cláudia Roncarati (1996, 1997), motivada, no final dos anos 1980, pela percepção do uso intensivo da forma N3 no Ceará. Sua extensa, detalhada e cuidadosa pesquisa, posteriormente disseminada em diversas publicações, compreende uma análise diacrônica de textos desde o Português Arcaico do século XV e do Português Clássico até os dias de hoje, além da análise de *corpora* da fala hodierna em PB (Fig. 5).

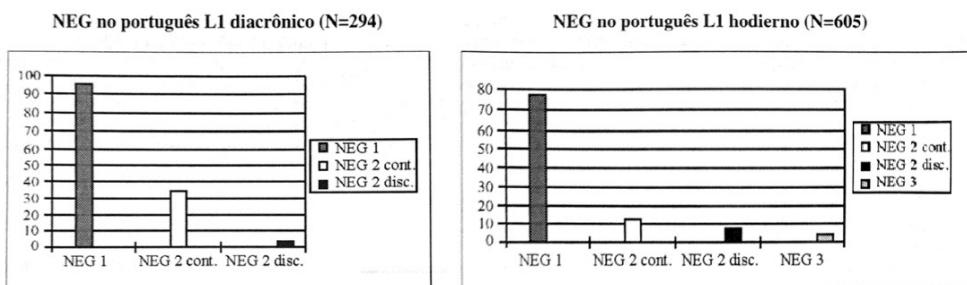


Figura 5: Fonte RONCARATI (1997:70)

Podemos apreender do quadro acima que, de acordo com os dados de Roncarati, as três estratégias de negação já se encontravam disponíveis para os falantes do português desde o século

8 Autores portugueses costumam utilizar, em vez de dupla negação, a expressão concordância negativa, similarmente ao que fazem os autores que trabalham com a língua inglesa (*negative concord*).

9 Agradecemos à Professora Doutora Maria do Pilar Pereira Barbosa por sua contribuição e esclarecimentos quanto ao uso da negação no português europeu.

XV e persistem na língua hodierna. A autora ainda destaca a preponderância persistente de N1 e que a análise dos corpora parece apontar a coexistência das três estruturas para atender a contextos pragmaticamente marcados. (RONCARATI, 1997 : 75-95)

Padua (2021), a partir da análise dos dados do site *corpusdoportugues*, com amostras de textos escritos desde o século XVI e da fala do português dos séculos XX e XXI, além dos dados coletados no *corpus C-Oral-Brasil*, sugere que N2 e N3 sejam fenômenos exclusivos da fala. Nas mais de 800 ocorrências extraídas da literatura, essas formas só aparecem no discurso direto (quando em narrativas) ou nos textos teatrais, embora também pudessem ter sido identificadas em textos de Camões, ocorrências que foram descartadas por se tratar de poesia. No quadro abaixo (Fig. 6), apresentamos o gráfico elaborado por Padua (2021), comparando os dados das pesquisas de Roncarati (Banco de Dados Internacionais, 1996), Paiva (Amostra do Português falado no Rio de Janeiro, corpora PEUL, 1996)¹⁰, Padua (*corpusdoportugues*, 2021^a) e Padua (*C-Oral-Brasil*, 2021b).

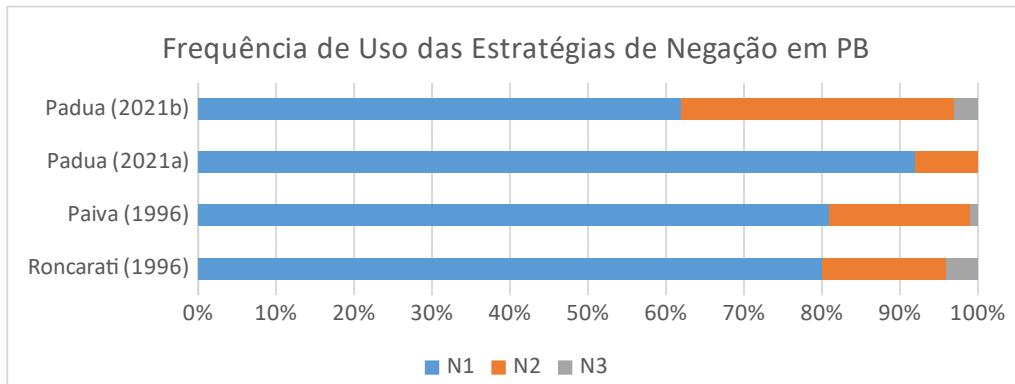


Figura 6 – Fonte: PADUA (2021)

Com relação à motivação pragmática para o emprego das formas não canônicas de negação, as evidências de Padua (2021) também vão ao encontro das constatações de Roncarati de que N2¹¹ e N3 são realizadas em segundo turno. A análise empreendida, no entanto, conduz a supor que N2 esteja fortemente relacionada a contextos em que haja recuperação de tópico, ainda que se refiram a pressupostos, nos termos de Stalnaker (1973) e Lambrecht (1998), o que licenciaria até mesmo a enunciação de uma sentença com dupla negação *out-of-the-blue*, desde que se trate da recuperação de alguma informação pertencente ao *common ground* do falante e do interlocutor. Padua (2021), ao analisar a produção fonética do morfema negativo pré-verbal, aponta ainda que, em seus dados, para N1 foram realizados 53% / **nū** / e 47% / **não** /, para N2 foram realizados 94% / **nū** / e apenas 6% / **não** /, não havendo nenhuma produção de / **nū** / pós-verbal, nem em N2 e nem em N3, o que pode indicar o enfraquecimento da partícula negativa pré-verbal.

10 Apud SOARES (2009).

11 Neste caso, inclua-se nesta rubrica tanto a dupla negação (concordância negativa) quanto o duplo não.

Ainda que sejam incontestáveis as contribuições lexicais ao PB das línguas dos povos originários e dos povos africanos escravizados trazidos para o Brasil, a hipótese de que PB seja uma língua crioula com base no PE, como postula Schwegler (1987), e que esta seria a justificativa para a coexistência das três estratégias de negação – N1, N2 e N2 – no PB, ainda nos parece, no mínimo, uma hipótese que carece de estudos e provas mais robustos. Os dados de Roncarati (1996, 1997) são suficientes para comprovar que as três estratégias já conviviam desde o Galego-Português do século XV. A ideia de pidginização/crioulização do PB, em si, não nos parece procedente. Afinal, Naro e Scherre (2007) falam de transmissão linguística irregular, mesma hipótese usada por Lucchesi (2014) para defender uma tese contrária à da base crioula do português do Brasil, seja porque no território da América do Sul, colonizado pelos portugueses a partir do século XVI, já existia uma língua franca de superestrato indígena (Tupi) utilizada pelos diversos povos originários que aqui habitavam, seja porque os povos africanos escravizados, por procederem de incontáveis regiões, falantes de línguas de diferentes famílias¹², já chegavam ao território brasileiro fazendo uso de um pidgin de substrato português.

A crioulização típica ocorre em situações históricas muito específicas, em que povos substituem sua língua nativa por outra, à qual têm muito pouco acesso, tanto que a grande maioria das línguas crioulas é falada por populações que são ou foram muito marginalizadas. Porém, em situações históricas, como a colonização do continente americano a partir do século XVI, ocorreram situações de contato massivo entre línguas, em contextos sociais muito mais amplos do que os contextos típicos de crioulização. Nessas situações, os falantes das outras línguas e, sobretudo, seus descendentes tiveram mais acesso aos modelos gramaticais da língua dominante, inibindo, assim, potenciais processos de transferência de substrato e de grammaticalização, que são cruciais para a formação das línguas crioulas. Porém, deve-se ter em conta que a erosão gramatical da língua dominante não deixa de ocorrer mesmo nesse contexto mais amplo. Essa erosão mais leve atinge, então, os mecanismos gramaticais sem valor referencial, como, por exemplo, as regras de movimento e de concordância nominal e verbal, não a ponto de eliminá-las, mas produzindo um amplo quadro de variação em seu emprego. Além disso, há outra diferença crucial entre a transmissão linguística irregular de tipo leve e a crioulização: os processos de grammaticalização e reestruturação original da gramática, típicos desta, são raros ou ausentes naquela. (LUCCHESI, 2014, p.280)

Não descartamos, portanto, que o contato entre os povos de diferentes origens e com línguas estruturalmente diversas possa ter ajudado a promover a subsistência de formas abandonadas pelo PE. No entanto, o distanciamento entre as variedades de PB e PE parece estar relacionado aos processos de variação e mudança, como propostos por Labov (2008), tanto pelo distanciamento geográfico da Colônia para com a Metrópole quanto pelas crenças e atitudes dos nativos em relação à língua oficial do país e as relações históricas e sociais, dada a configuração do PB rural e urbano, postulada por Bortoni-Ricardo (2020).

12 O Atlas Mundial das Estruturas das Línguas, WALS, nos aponta tanto a variedade incomparável, com relação ao resto do mundo, tanto da quantidade de línguas naturais africanas quanto das estratégias de negação, no que se refere às estratégias de negação.

Desta forma, concordamos com Roncarati (1997:96), quando propõe que “a discussão sobre a direcionalidade do ciclo evolutivo da negação no português do Brasil ainda é matéria controversa a requerer estudos interdialetais e interlíngüísticos mais abrangentes”.

Podemos prever o futuro?

As pesquisas sobre mudança linguística são desafiadoras. Prever o futuro em linguagem pode ter como fonte o próprio passado. Senão vejamos.

Se as inovações se dão por gramaticalização ou ainda pelos caminhos da simplificação, pode ser que tenhamos já alguns vestígios no português falado hodiernamente. O que nos dizem os casos de “nū era”, “nū era não”, “né não”, “nera não”? Seriam explicados apenas pelos aspectos de processamento segundo os quais a tonicidade do advérbio de negação – não – é suavizada ou mesmo inibida pelo ritmo acelerado de fala? Em “parece que o português brasileiro continua mudando, né?”, temos um evidente caso de discursivização, em que as formas “não é” passam variavelmente a “né” com valor de marcador conversacional. Seria a travessia de “não era” par “nera” um caso de flexão da cópula, à moda do que Labov (1966) verifica quanto às características do inglês vernáculo afro-americano em comparação ao inglês *standard*?

Perguntas constituem a mola propulsora da Ciência. É preciso estar atento às evidências. As línguas podem se modificar, mas encontram sempre um mecanismo de compensação para formas que se vão ou atribuem valores diferentes a construções modificadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, P. R. S. **A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico-social linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas.** 2004. 227 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Português Brasileiro: A língua que falamos.** 1 Ed. São Paulo: Contexto, 2021. 126 p.

COELHO, I. L.; GORSKI, E. G.; SOUZA, C. Mde; MAY, G. H **Para conhecer sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2018.

DE CARVALHO, A. et al. (2021). "Look! It is not a bamoule!" 18-and 24-month-olds can use negative sentences to constrain their interpretation of novel word meanings. **Developmental Science**, jan. 2021. DOI: 10.1111/desc.13085.

DRYER, M. S. (2013). Order of Negative Morpheme and Verb. In: Dryer, Matthew S. & Haspelmath, Martin (eds.) **The World Atlas of Language Structures Online**. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. (Disponível em <http://wals.info/chapter/143>, acessado em 2022-05-29.)

FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: Martelotta, Votre & Cezário (org.) **Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional**. p. 167-189. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

JESPERSEN, O. **Negation in English and other languages**. Copenhagen: Bianco Lunos Bogtykkeri, 1917, 151 p.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Maria Marta Pereira Scherre e Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAUREANO, D. C. A variação dos pronomes sujeito: nós e a gente na fala de informantes florianopolitanos. Florianópolis: UFSC, 2003, 79 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

LIMA, E. O. Variação da primeira pessoa do plural no português maranhense. 2020. 150f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.

LOPES, C. R. S. A inserção de a gente no quadro pronominal do português. 1999. 174 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

LAMBRECHT, K.. **Information structure and sentence form – Topic, focus and the mental representations of discourse referents**. 5. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1998[1994]. 388 p.

LUCCHESI, D. A simplificação morfológica na expressão do sujeito indeterminado no português afro-brasileiro. **Revista Lingüística**. V.10 N.1. Rio de Janeiro: PPGLIN/UFRJ, 277-298, 2014.

MAIA, F. de P. S. A variação nós e a gente no dialeto mineiro: investigando a transição. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

MATTOS, S. E. R. Goiás na primeira pessoa do plural. 2013. 137 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MENON, O. P. S. Analyse sociolinguistique de l'indétermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil, à partir des données du NURC-SP. Thèse (Doctorat) - Université de Paris 7, Paris, 1994.

MENON, O. P. S. Uso do pronome sujeito de primeira pessoa do português do Brasil. In: **Anais do II ELFE** – Encontro Nacional sobre Língua Falada e Escrita, Maceió, 1997. p. 396-402.

MIESTAMO, M. Symmetric and Asymmetric Standard Negation. In: Dryer, Matthew S. & Haspelmath, Martin (eds.) **The World Atlas of Language Structures Online**. Leipzig: Max Planck

Institute for Evolutionary Anthropology. (Disponível em <http://wals.info/chapter/113>, acessado em 2022-05-29.), 2013.

MONTEIRO, J. L. **Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática de português do Brasil.** Fortaleza: Edições UFC, 1994.

MULLER, C. Sur quelques emplois particuliers de « pas » et « point » à l'aube du français classique. In: **Langue Française**, v. 23, n. 143, p. 19-32, 2004. ISSN : 0023-8368. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-langue-francaise-2004-3-page-19.htm>. Acesso em: 22 jul. 2021.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. **Origens do português brasileiro.** 1^a Ed. São Paulo: Parábola, 2007. 205 p.

OMENA, N. P. de. IN: Relatório final: **Projeto “Subsídios do ‘Projeto Censo’ à Educação.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1986, v. III, p. 320-37, Inédito.

OMENA, N. P. de. Atuação das variáveis sociais na variação entre nós e a gente na função de sujeito. In: OLIVEIRA E SILVA, G. ; SHERRE, M. M. (orgs.). **Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1986, 309-23.

OMENA, N. P. de.; BRAGA, M. L. A gente está se gramaticalizando? In: MACEDO, A. Tavares; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (orgs.). **Variação e Discurso.** Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1996, pp. 73-83

PADUA, C. A. **Estratégias de negação e discursos mentirosos.** Tese de Doutrado/ PPGLIN-UFRJ, em preparação. 2011.

PERSSON, R. Études diachroniques de la négation depuis le Moyen Âge. Mémoire de Licence (Bacharelado em Língua Francesa). Département de langues et littératures – Université de Göteborg, Gotemburgo, 2018. 62 p.

RONCARATI, C. A negação no português falado. In: MACEDO, A. T., RONCARATI, C., MOLLICA, M. C. (org.), **Variação e discurso**, p. 97-112. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1996. 147 p.

RONCARATI, C. Ciclos aquisitivos da negação. In: RONCARATI, C., MOLLICA, M. C. (org.), **Variação e aquisição**, p. 65-102, 1997. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro. 126 p.

RUBIO, C. R. Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo. 2012. 393 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012.

SCHWEGLER, A. (1985-1987). Predicate Negotiation in Contemporary Brazilian Portuguese – A change in progress. **Orbis**, v. 34, p. 187-214, ISSN 0030-4379. Peeters Online Journals.

SILVA, M. R. da. Pronomes nós/gente no português falado em Rio Branco Acre. 2013. 74 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2013.

SOARES, V. R. A negação no contato entre dialetos. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Linguística – UFRJ, 2009. 114 p.

STALNAKER, R. (1973). Presuppositions. **Journal of Philosophical Logic** 2, p. 447-457. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company.

TAMANINE, A. M. B. Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba. 2010. 222 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

VIANNA, J. B. S.; LOPES, C. R. A variação entre nós e a gente: uma comparação entre o Português Europeu e o Português Brasileiro. **Revista do GELNE**, Natal/RN, Vol. 14 Número Especial: 95-116. 2012.

ZILLES, A. M. S. **Grammaticalization of ‘a gente’ in Brazilian Portuguese**. University of Pennsylvania Working Papers, Linguistics University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, v. 8, n. 3, p. 297-310, 2002

VOCÊ SABE O QUE É HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA?

*Talita de Cássia Marine
Juliana Bertucci Barbosa*

A língua é um sistema organizado, composto por **regras categóricas** – ou seja, por regras que não variam – e por **regras variáveis** – isto é, como o próprio nome sugere, por regras que variam. Por exemplo, na Língua Portuguesa, a posição do artigo em relação ao substantivo: o artigo sempre virá antes do substantivo. Assim, diremos “o menino”, “a flor”, “o coração”, “uma casa”, “um sonho” e, nunca, “menino o”, “flor a”, “coração o”, “casa uma” e “sonho um”. Logo, podemos afirmar que a relação de anterioridade na colocação do artigo em relação ao substantivo, em língua portuguesa, é uma regra categórica. Já quando dizemos: “Nós vamos almoçar mais tarde” ou “A gente vai almoçar mais tarde”, temos aqui, duas formas diferentes e possíveis de dizer a mesma coisa.

No Brasil, por exemplo, os pronomes pessoais referentes à primeira pessoa do plural podem ser representados pelas formas “nós” ou “a gente”; assim, podemos dizer que “**nós**” e “**a gente**” são duas **formas variantes** para a **mesma variável** – no caso, a variável, ou seja, o lugar na língua onde a **variação** de duas ou mais formas acontece, aqui é a forma pronominal de primeira pessoa do plural, na função de sujeito (COELHO et al, 2015). Como a regra de concordância verbal na língua portuguesa orienta no sentido de que o verbo deve concordar com o sujeito, no caso da variação dos pronomes “nós” e “a gente”, isso acaba repercutindo na forma verbal em que a concordância acontecerá. É por isso que diremos, por exemplo, “nós acordamos cedo” e “a gente acorda cedo”. As duas formas representam usos possíveis dentro da **normas cultas¹³ do português brasileiro**, porém, como a regra da concordância verbal na língua portuguesa do Brasil não é uma regra categórica, mas, sim, uma **regra variável**, usos como: “nós vai almoçar mais tarde” ou “nós acorda cedo” são perfeitamente possíveis e bastante frequentes em nosso país.

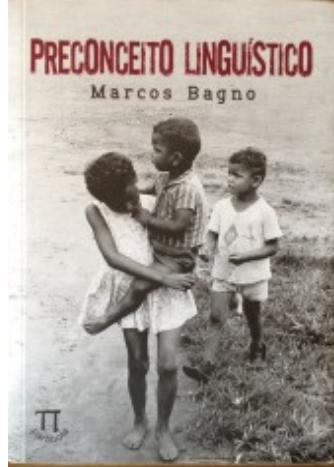
No entanto, se do ponto de vista linguístico, ao dizermos “nós acordamos cedo” ou “nós acorda cedo”, temos simplesmente exemplos de duas formas possíveis e legítimas de dizer a mesma coisa, do ponto de vista social, a primeira forma possui **prestígio na sociedade**, enquanto a segunda, pode sofrer **desprestígio social** em algumas situações de fala e/ou escrita (BORTONI-RICARDO, 2009), chegando, inclusive, a gerar situações de **preconceito linguístico** em relação ao falante que a utiliza. Isso porque as **formas linguísticas** - também podendo ser chamadas de **variantes**

¹³ Para saber mais sobre conceito de normas, assistir, no canal da ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística), a fala de Carlos Alberto Faraco “Bases para uma Pedagogia da variação linguística”: <https://www.youtube.com/watch?v=3kS-RHie0Zw&t=2249s>

linguísticas -, que fazem parte das variedades cultas da língua são bem vistas pela sociedade, já as formas linguísticas que estão em variedades populares da língua, nem sempre são bem vistas pela sociedade, especialmente, pelos falantes com maior escolaridade, maior poder aquisitivo e, consequentemente, com maior acesso aos **ambientes de letramento**.

Como sugestão de leitura, vale a pena ler uma obra que já completou mais de duas décadas, mas é ainda atual:

Figura 1: capa da obra Preconceito Linguístico



Fonte: Bagno, 2015.

Nessa obra, **Preconceito linguístico** (2015), Bagno desenvolve uma análise sobre o preconceito diante da língua e suas vertentes, desde posturas discriminatórias até a educação e as variações linguísticas. Cabe mencionar que muito se fala em preconceito, mas pouco se debate e combate sobre o preconceito linguístico especificamente.

Além disso, Bagno destaca que “toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, **heterogênea**, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais [...] e em todos os seus níveis de uso social [...]”(BAGNO, 2006, p. 27, destaque nosso). Outro material que vale a pena ser lembrado e sugerida a leitura é a obra **Sociolinguística**, da Coleção Para Conhecer, dos autores Izete Lehmkuhl Coelho, Edair Maria Gorsk, Guilherme Henrique May, Christiane Maria N. de Souza, que em sua maioria fazem parte do GT de Sociolinguística da Associação Nacional de Pós graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Tal obra, elaborada por especialistas da área, tem como público-alvo, principalmente, graduandos de Letras, Linguísticas ou outras áreas afins, trazendo introduções atualizadas e com linguagem clara e acessível, acompanhadas de exercícios práticos. É um livro que reúne conceitos básicos da Sociolinguística e também mostra como esse conhecimento pode se refletir no ensino de português.

Figura 2: capa da obra Sociolinguística



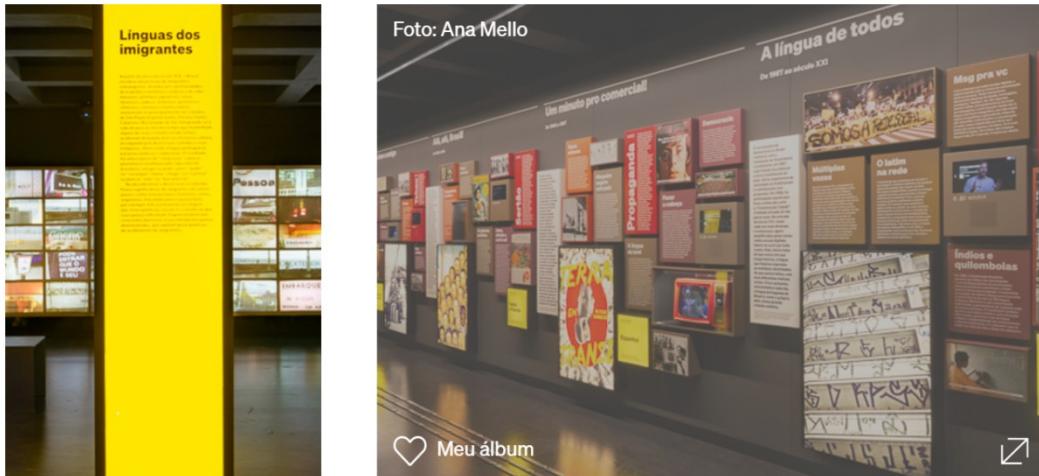
Fonte: capa Coelho et al, 2015

Esses são exemplos de obras da área de Sociolinguística que trazem contribuições relevantes sobre variação linguística e evidenciam, assim como tantas outras publicações, que no Brasil uma das línguas oficiais é o português, entretanto, em tal língua, assim como as demais, existem diversas particularidades, ou seja, é heterogênea. Temos diferentes sotaques em cada comunidade e/ou região brasileira ou escolhemos diferentes estruturas lexicais ou morfossintáticas a depender da situação comunicativa, como, por exemplo, as construções e palavras que uma determinada pessoa usa são várias a depender dos diferentes contextos sociais (como com um chefe, um amigo ou um namorado). A Sociolinguística estuda tanto a variação, responsável por essas diferenças, quanto a mudança, lembrando que a forma que falamos hoje é diferente da forma como nossos avós ou bisavós falavam.

Assim, após essa breve discussão, **heterogeneidade linguística**, consiste: nas diversas e diferentes formas linguísticas que compõem uma língua em uso. E a língua portuguesa, como qualquer língua, é heterogênea! Assim, podemos afirmar que a heterogeneidade linguística é uma característica de toda **língua**, visto que toda língua natural é heterogênea.

Uma amostra da heterogeneidade linguística do português brasileiro pode ser observada, por exemplo, no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo:

Figura 2: Museu da Língua Portuguesa



Fonte: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/teste/o-museu/>

Mas, se as línguas são heterogêneas, por que alguns usos são prestigiados e outros não?

Como mencionamos anteriormente, a questão do prestígio e do desprestígio em relação às diferentes formas de uso da língua é fruto de valores sociais atribuídos a tais formas (BAGNO, 2015; 2013; FARACO, 2008; BORTONI-RICARDO, 2004). Como as formas de prestígio social estão associadas às **normas padrão** e **cultas**, daí a importância de a escola promover um ensino da língua portuguesa que contemple tais normas, de forma a promover, em sala de aula, reflexões e discussões a respeito dos valores sociais que são atribuídos a tais formas, contribuindo, assim, para a consciência a respeito da heterogeneidade linguística, ao mesmo tempo que colabora com o combate ao preconceito linguístico. O que se mostra bastante sintonizado, por exemplo, com a quarta competência específica de língua portuguesa indicada pela BNCC para ser desenvolvida ao longo do ensino fundamental: “Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos” (BRASIL, 2018, p.87).

Além disso, considerando a língua em toda a sua heterogeneidade, é fundamental que o ensino de língua portuguesa ao longo de toda a educação básica, seja pautado na língua em uso, contemplando, assim, as formas que compõem as normas populares da língua, além das normas cultas, em diversas **práticas sociais da linguagem**, manifestadas em diferentes gêneros textuais/discursivos, orais e escritos. Desse modo, os alunos terão a chance de ampliar seus conhecimentos a respeito de sua língua materna e poderão enxergá-la de maneira mais flexível, multifacetada e dinâmica, fora da perspectiva dual “certo” *versus* “errado”, vinculada à visão homogênea de língua, associada unicamente às prescrições da norma padrão e que, infelizmente, ainda é bastante difundida por todo país, embora esteja em descompasso com as orientações dos

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), desde o final da década de 1990, bem como com as orientações da **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**, cuja primeira versão foi homologada em dezembro de 2018 e que aponta como primeira competência específica de língua portuguesa a ser desenvolvida pelos alunos ao longo do ensino fundamental, a seguinte: “Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem” (BRASIL, 2018, p.87).

Além disso, como tão bem ressaltam Zilles e Faraco (2015, p. 9) a respeito do ensino de língua portuguesa à luz da sua natureza heterogênea,

(...) não se trata apenas de desenvolver uma pedagogia que garanta o domínio das práticas socioculturais e das respectivas variedades linguísticas. Considerando o grau de rejeição social das variedades ditas populares, parece que o que nos desafia é a construção de uma cultura escolar aberta à crítica da discriminação pela língua e preparada para combatê-la, o que pressupõe uma adequada compreensão da heterogeneidade linguística do país, sua história social e suas características atuais.

Portanto, parece-nos inquestionável que um ensino de língua portuguesa que colabore para o (re)conhecimento da heterogeneidade da língua falada no Brasil, oportunizará aos seus falantes a ampliação de seu repertório linguístico e cultural, assim como o desenvolvimento de sua competência comunicativa. Isso porque a relação entre língua e sociedade é indissociável, o que significa dizer que não é possível estudar a língua fora de seus contextos sociais.

Você sabia que existia uma área da Linguística que enfoca justamente a relação entre língua e sociedade?

Já citamos esta área neste capítulo: trata-se da **Sociolinguística**.

Se partirmos do pressuposto de que linguagem e sociedade estão ligadas de modo inquestionável, poderia parecer que o termo ‘sociolinguística’ é uma redundância, uma vez que a linguagem seria, então, um fenômeno essencialmente social. Entretanto, as coisas não são tão simples assim, afinal, a relação entre linguagem e sociedade, embora seja reconhecida por todos, nem sempre é assumida como determinante aos e nos estudos da linguagem. E é justamente aí que se justifica o nome para esta ramificação dos estudos linguísticos, uma vez que, para a Sociolinguística, os aspectos sociais são essenciais e determinantes aos estudos da língua (MARINE; BERTUCCI BARBOSA, 2016, p.188).

Considerando as contribuições dessa perspectiva de língua ao ensino de língua portuguesa, conseguiremos, enfim, desconstruir a visão de ensino pautada na doutrina do erro, em prol da construção de um ensino que valoriza o olhar para variação linguística, sensibilizando e conscientizando o falante da língua para a importância da **adequação linguística** aos mais diversos contextos sociocomunicativos, afinal, como já destacavam os PCN, no final da década de 1990,

(...) a questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. (BRASIL, 1998, p. 26).

Dos usos linguísticos mais aos menos monitorados, é importante que o falante se torne um “**camaleão linguístico**”, ou seja, que desenvolva habilidades que lhe oportunizem um senso de adequação às mais diferentes situações comunicativas, permitindo-lhe transitar de maneira competente por diversas práticas sociais da linguagem. Tal competência, inclusive, é apontada pela BNCC, como a quinta competência específica de língua portuguesa a ser alcançada pelo aluno ao longo do ensino fundamental: “Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual” (BRASIL, 2018, p.87). Cabe ressaltar:

O senso comum tem escassa percepção da língua como um fenômeno heterogêneo que alberga grande variação e está em contínua mudança. Por isso, costuma folclorizar a variação regional; demoniza a variação social e tende a interpretar as mudanças como sinais de deterioração da língua. (ZILLES; FARACO , 2015, p. 7).

Para finalizar, no próximo capítulo, Freitag fala um pouco sobre a famosa expressão “*“isso doeu nos ouvidos!”* Vale a pena a leitura! Sugerimos ainda assistir o vídeo sobre Respeito Linguístico de Martha Scherre : <https://www.youtube.com/watch?v=W4XqhsIB9I0>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, M. **Preconceito linguístico.** São Paulo: Parábola Editorial, 56^a ed. revista e ampliada, 2015 [2006].
- BORTONI- RICARDO, S. M. **Educação em língua materna:** a sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): Matemática. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília, 2018.
- COELHO, I. et al. **Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2015. (coleção para conhecer)
- FARACO, C. **Norma culta brasileira:** desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARINE, T. de C.; BERTUCCI BARBOSA, J. Em busca de um ensino sociolinguístico de Língua Portuguesa no Brasil. **Signum: Estudos da Linguagem**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 185–215, 2017. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/23161>. Acesso em: 24 fev. 2024.

ZILLES, A.; FARACO, C. (Org.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

“ESSA DOEU NO OUVIDO”: DESVELANDO A CONSCIÊNCIA SOCIOLINGUÍSTICA

Raquel Meister Ko. Freitag

A todo momento, estamos fazendo avaliações, sobre tudo e sobre todos. A categorização é um processo cognitivo humano e nos permite organizar as experiências do mundo. Não é diferente com os fatos da língua. A todo o momento fazemos avaliações conscientes e inconscientes sobre diferentes variedades linguísticas, tanto variedades dialetais quanto variedades com interferência de outra língua. A sociolinguística reconhece que o nível de consciência social desempenha um importante papel ao determinar quais variantes são sujeitas à correção.

A Sociolinguística adota a tipologia de Labov (1972) para as variáveis, divididas em: indicadores, marcadores e estereótipos. Em linhas gerais, estereótipos são traços linguísticos socialmente marcados de forma consciente pelos falantes, marcadores são traços linguísticos sociais e estilísticos e que permitem efeitos consistentes sobre o julgamento consciente ou inconsciente do ouvinte sobre o falante, e indicadores traços socialmente estratificados, no entanto, não são sujeitos à variação estilística.

A externalização de uma avaliação, como “essa doeu no ouvido” nos revela que o fenômeno em questão é socialmente marcado, não esperado para aquela situação ou contexto, ou não esperado para aquele perfil social.

Os níveis de consciência representam conhecimento mais ou menos implícito vs. conhecimento explícito da variação linguística (SQUIRES, 2016). Com variáveis do tipo estereótipo, os falantes sabem que o traço linguístico está relacionado a uma categoria de falante; já com variáveis do tipo indicador, os falantes não conseguem atribuir a referência a uma categoria específica de falante. Isso significa que os falantes têm conhecimento explícito de estereótipos, a ponto de permitir que seja objeto de discussão e reflexão, e levem a avaliações como “doeu no ouvido”. Mas os falantes também devem ter algum conhecimento de indicadores e marcadores e utilizá-los de forma variável faz parte de sua competência gramatical.

O conhecimento da variação provavelmente decorre de um processo semiótico durante o qual os falantes são expostos a diferenças linguísticas, observam-nas e sistematizam padrões de seu uso em conexão com fatos sociais. Enquanto muita pesquisa investigou o estado do conhecimento dos falantes sobre fatos da variação, o processo pelo qual os falantes constroem esse conhecimento, que vamos chamar de **consciência sociolinguística**, é ainda pouco explorado (FREITAG, 2020, 2021). Se podemos dizer alguma coisa sobre a frequência de alguns fenômenos variáveis a partir de

resultados descritivos de estudos sociolinguísticos observacionais, pouco ainda sabemos sobre o que acontece durante o processamento. Até porque nem sempre externalizamos nosso julgamento, podemos ter conhecimento explícito da variação, sentir que “doeu no ouvido”, mas não dizer absolutamente nada. E aí surge uma dúvida: se não há manifestação explícita, podemos dizer que o traço não é socialmente saliente?

Para saber como processamos a variação, teríamos que entrar dentro da cabeça de cada falante para saber como isso acontece. Podemos tentar medir ondas do cérebro, mas este é um procedimento que é artificial, e se choca com os princípios da sociolinguística de espontaneidade da fala. Por isso, tentamos nos valer de pistas indiretas de como isso acontece, medindo, por exemplo, esforço de processamento e respostas emocionais.

Aqui apresentamos um pouco da nossa trajetória para desvelar a consciência sociolinguística.

Quantas vezes preciso ouvir uma forma para reagir a ela?

O monitor sociolinguístico é uma estratégia metodológica que visa medir o efeito da exposição na percepção. Basicamente, consistem em expor juízes ouvintes a diferentes frequências de uma variável para medir o seu efeito. Foi proposto originalmente por Labov e colaboradores (2006, 2011), que realizaram um conjunto de experimentos destinados a determinar se os juízes-ouvintes podem discriminar e avaliar os níveis de variação. A variável linguística testada foi a realização de –ing no inglês, que pode ter realizações apicais ou velar, com estratificação estilística e social regular nos Estados Unidos, reconhecido como um estereótipo, cuja realização de prestígio é associada à “inteligência” e à “formalidade”.

Uma tarefa experimental foi desenvolvida para testar o efeito de diferentes frequências das variantes de –ing no julgamento de uma candidata a locutora de programa televisivo de notícias, em uma escala de adequação ao trabalho. Para produzir a tarefa, foram elaboradas dez manchetes jornalísticas, cada uma com uma ocorrência da variável, que foram lidas por um mesmo falante duas vezes. Em uma leitura, todos os contextos de ocorrência da variável foram realizados como apicais, em outra, todos os contextos foram realizados como velar. Depois, as manchetes das duas leituras foram combinadas, para produzir diferentes frequências das variantes.

Os participantes da tarefa experimental ouviram seis sequências de leitura de manchetes, cada uma com um percentual de ocorrência diferente das variantes, e deveriam dar uma nota para cada uma destas sequências em uma escala de 7 pontos, considerando os extremos profissional e não apto ao trabalho.

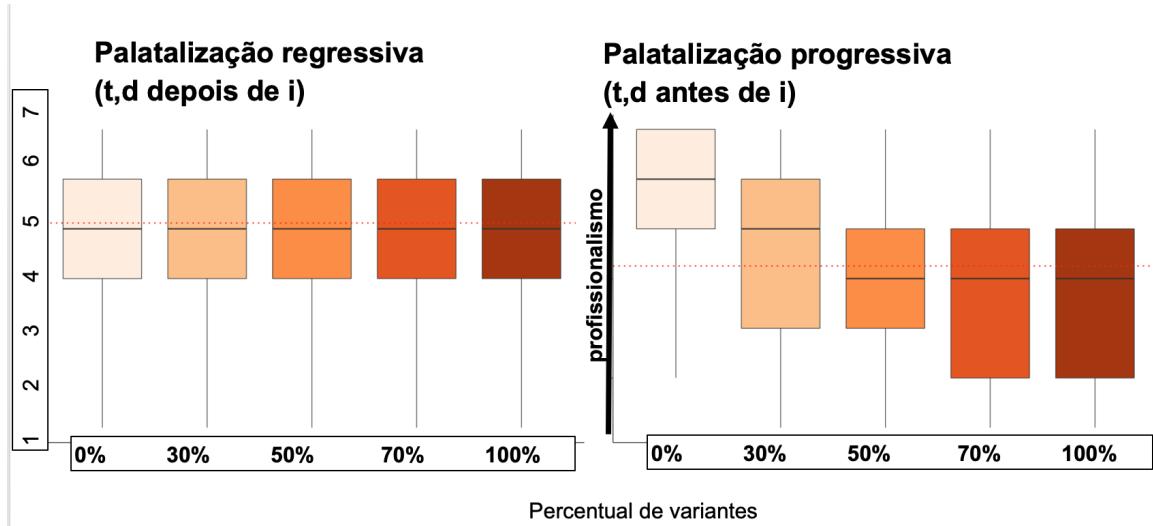
O resultado aponta que os juízes-ouvintes são sensíveis às normas sociolinguísticas que regem a variação do -ing e essa sensibilidade é afetada pela frequência a que são expostos às variantes. Como podemos ver, a curva das respostas aumenta, indicando uma reação cada vez mais crítica às frequências mais altas da variante apical nos treinos de leitura de manchetes de noticiário. O estudo aponta que os juízes-ouvintes podem discriminar diferenças de frequência tão pequenas quanto 20%, mas, quando as frequências aumentam, o incremento se torna menor e perde significado.

Resolvemos replicar este estudo (Freitag, 2020). O fenômeno que escolhemos foi o do processo de palatalização, que, em Sergipe, apresenta duas regras condicionadas pelo contexto, a da palatalização regressiva e a da palatalização progressiva.

A variante palatal do processo de palatalização regressiva, como em tia e dia, é um marcador dialetal do português que está em processo de implementação em Sergipe, liderado por pessoas com maior escolarização, gênero feminino, mais jovens e da capital. Já a variante palatal da palatalização regressiva, como em doido e peito, é um estereótipo restrito a certas regiões do Brasil, especialmente Nordeste e interior, que em Sergipe está em processo de declínio, ainda conservada na fala de pessoas mais velhas, menos escolarizadas, do interior e do gênero masculino (Freitag, Souza Neto, Corrêa, 2019).

A tarefa dada ao participante foi julgar o conjunto de estímulos auditivos quanto ao profissionalismo. Foram produzidos dois conjuntos de manchetes, um com contextos de palatalização progressiva e outro de palatalização regressiva, que foram lidos duas vezes pela mesma locutora, uma vez com todas as variantes oclusivas, e outra com todas as variantes palatais. Depois, as manchetes das duas leituras de cada um dos conjuntos de estímulos foram combinadas para produzir dois conjuntos de cinco manchetes cada, um conjunto de palatalização regressiva e outro de palatalização progressiva, cada um com um gradiente de realização palatal que vai de nenhuma (0%) a todas (100%).

Na tarefa experimental, os participantes foram convidados a ouvir os treinos de locução de uma candidata a uma vaga como locutora de um programa de notícias sobre vida saudável em uma emissora de rádio, atribuindo nota de 1 a 7 para cada um dos treinos de locução, considerando o profissionalismo da candidata.



Os resultados mostram que a diferença de frequências da variante palatal da palatalização regressiva não interfere no julgamento, já uma única ocorrência de variante palatal na palatalização progressiva pode mudar substancialmente o julgamento, na mesma direção que a variante apical para *-ing* no inglês, como no estudo de Labov et al (2006, 2011). O resultado reforça a classificação de estereótipo negativo que é associado à variante palatal da palatalização progressiva, e sugere que variante palatal na palatalização regressiva tem um efeito “neutro”, ao qual as pessoas não reagem. Será que as pessoas não reagem porque o fenômeno não atinge o nível consciente ou as pessoas apenas não expressam conscientemente a sua reação?

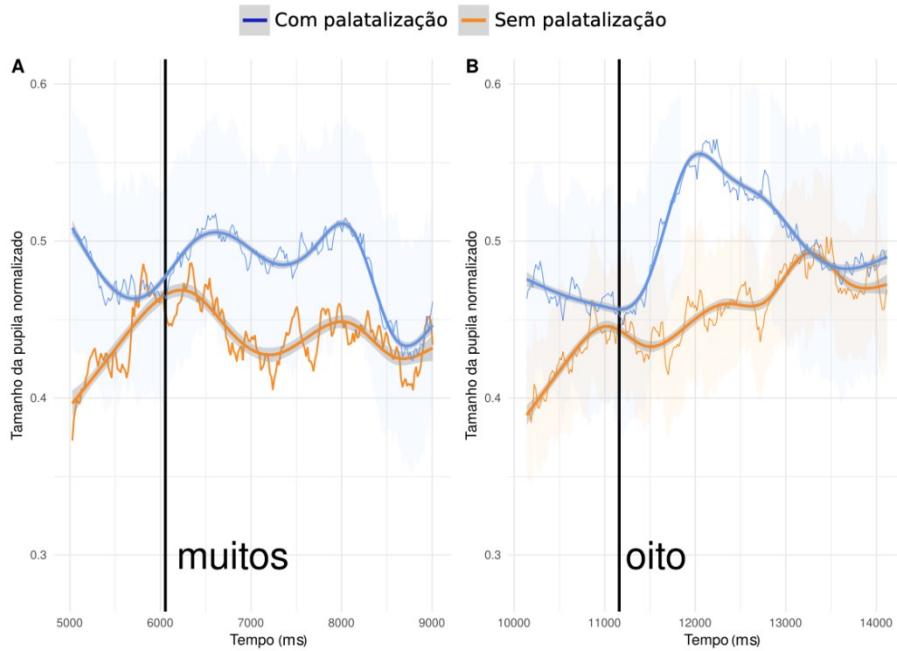
Durante este mesmo estudo, enquanto a tarefa experimental era realizada, um conjunto de 18 participantes teve simultaneamente seus movimentos oculares registrados.

O que dói o ouvido mexe os olhos?

Dizem que o que os olhos não veem, o coração não sente. Mas será que o que dói nos ouvidos mexe os nossos olhos? Em outras palavras, fato de não expressarmos conscientemente um julgamento significa que não somos afetados pelo efeito? A busca por evidências de respostas emocionais para a variação linguística pode ajudar nesta questão.

Para isso, realizamos uma exploração dos dados de rastreio coletados durante o experimento do monitor sociolinguístico (FREITAG et al, 2021). O registro dos movimentos oculares foi realizado por um aparelho EyeTribe com taxa de amostragem de 60Hz. As áreas de interesse foram regiões retangulares no entorno das palavras-alvo da palatalização progressiva, o fenômeno mais saliente e que desencadeou reações nos participantes expostos às diferentes frequências. O rastreador

também registrou o tamanho das pupilas dos participantes em séries temporais, em que se observa variação no tamanho da pupila à medida que eles escutavam os estímulos.



Os resultados da variação após 400ms de terem escutado a palavra-alvo, tanto em a como em b, mostram o aumento de variações na dilatação da pupila, o que sugere uma resposta emocional.

Então, será que dá pra dizer que o que dói o ouvido mexe os olhos? Nossa análise exploratória dos registros de rastreio ocular mostrou que a exposição da realização à variante palatal da palatalização progressiva, como em “oito”, “muito”, “respeito”, “cuidado”, interfere na duração das fixações e aumentou a dilatação da pupila, o que pode ser interpretado como evidência de uma resposta emocional. Obviamente, os resultados são incipientes e exploratórios, derivados de um estudo experimental cuja tarefa tinha outro propósito, mas servem de baliza para a proposição de novos estudos (em andamento).

Nem tudo é medido com um clique

Na situação experimental do monitor sociolinguístico, o que de fato observamos foi como uma forma linguística que é inesperada em um contexto é recebida pelos falantes, como a realização palatal em contexto de palatalização progressiva por uma universitária candidata à locutora de um programa de rádio. Isso ficou evidente durante o processo de acompanhamento da realização da tarefa. Durante a realização da coleta de dados, comentários informais dos participantes destacavam

juízos de valor atribuídos à locutora dos áudios, do tipo “falando desse jeito não pode ser locutora de rádio”.

Os participantes foram recrutados em lugares públicos, e eram convidados a participar do teste com um fone de ouvido e computador. Quando chegava o loop da palatalização progressiva, os recrutadores observaram um comportamento facial sistemático nos participantes: um riso de canto de boca, uma elevação sutil de sobrancelhas. A sistematicidade era tanta que, mesmo sem ouvir o áudio, sabíamos quando ocorria a variante estigmatizada só pela cara do participante...

Isso nos levou a pensar que traços sociolinguísticos estigmatizados geram respostas emocionais, e as expressões faciais dão pistas da avaliação que é feita. Ou seja, mesmo que uma pessoa não diga nada, os gestos faciais podem revelar pistas do seu julgamento, e isso pode nos dar pistas sobre o nível de consciência de uma variável.

Assumindo que traços sociolinguísticos estigmatizados geram respostas emocionais, como vimos anteriormente, e que os gestos faciais dão pistas da avaliação de um traço sociolinguístico, elaboramos uma tarefa experimental, que chamamos de “a face do preconceito” (FREITAG et al, 2020). Escolhemos como variável o rotacismo, com uma variante do estereótipo altamente estigmatizada. Foram produzidas 18 frases-estímulo elaboradas com a variável-alvo, que foram enunciadas por duas vezes por um mesmo locutor, em uma realização, com a variante lateral, e na outra, com a variante rótica. Os estímulos foram randomizados e os participantes podiam ouvi-los apenas uma vez. Após ouvir cada um dos estímulos, o participante precisava julgá-lo quanto à agradabilidade, em uma escala de 7 pontos.

A realização da tarefa foi gravada em vídeo. Os vídeos foram tratados por um script que marca os pontos da face e cotejamos os frames do vídeo com um banco de dados de expressões faciais, e para cada frame do vídeo a probabilidade de uma emoção foi estimada.

Como resultado, constatamos que, como previsto, o rotacismo interfere na nota de julgamento: os estímulos com realização rótica tiveram nota inferior aos estímulos com variante lateral, evidenciando que há consciência da variação. Mas os resultados também forneceram evidências, ainda incipientes e sutis, de que existem respostas emocionais, particularmente o que o algoritmo reconheceu como “alegria”, que foi a emoção predominante mais frequentemente associada aos estímulos com a realização rótica. Ou seja, enquanto julgavam os estímulos com róticos negativamente (com nota mais baixa) quanto à agradabilidade, os participantes expressavam gestos faciais que foram reconhecidos pelo algoritmo como “alegria”.

Certamente, não era alegria, mas a configuração facial desta resposta emocional era a que mais se aproximava do que identificamos como deboche. Além disso, o banco de dados de expressões faciais que estávamos utilizando era europeu, com características antropomorfas bastante

diversas das dos participantes da tarefa. Isso nos mostrou a necessidade de criar um banco de dados específico para contemplar também deboche (TEJADA et al, 2021) e assim podermos aprofundar nossas investigações (em andamento).

Por que é importante desvelar a consciência sociolinguística?

A compreensão dos mecanismos cognitivos pelos quais a variação linguística é processada pode auxiliar na ampliação sobre nosso conhecimento sobre as ligações entre os diferentes níveis da gramática e informações sociais, assim como permite diversificar e aprimorar métodos de coleta de dados e de análise, o que contribui para o desenvolvimento da área da Sociolinguística.

Mas as contribuições não são apenas incrementais. Quando um falante ouve uma variante linguística distinta da sua, evoca, mesmo que inconscientemente, estereótipos negativos sobre aquela variedade. Mas só temos acesso à expressão explícita, quando alguém diz que uma fala doeu no ouvido, por exemplo. E o que não é explícito?

Muito se fala em combate ao preconceito linguístico, e aos efeitos negativos da discriminação baseada em preconceitos. Combater uma discriminação quente, nos termos de Fiske (1998), como a decorrente de uma afirmação de que a fala de alguém dói no ouvido, é relativamente mais simples do que combater uma discriminação fria, que não se manifesta senão nas utilizadas. E, para isso, é preciso entender e descrever como as utilizadas agem.

As pesquisas que estamos desenvolvendo mostram que, fisiologicamente, processos cognitivos ativados pelo gatilho do traço linguístico, ainda que controlados conscientemente, deixam pistas, como na dilatação da pupila e nos gestos faciais. Com esse desvelamento, podemos contribuir para o desvelamento da consciência sociolinguística e desarmar os gatilhos que ativam os preconceitos que sequer sabemos que temos. Esta não é uma tarefa solitária, muito menos endógena. Para conseguirmos estes resultados, precisamos de ciência *big team*, em que as contribuições das diferentes áreas da linguística, da psicologia, da computação e das neurociências interagem para dar respostas às questões da complexidade do comportamento humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FISKE, S. T. Stereotyping, prejudice, and discrimination. In D. T. Gilbert, S. T. Fiske, & G. Lindzey (Eds.), **The handbook of social psychology** (p. 357–411). McGraw-Hill, 1998

FREITAG, R. M. K. Effects of the linguistics processing: Palatals in brazilian portuguese and the sociolinguistic monitor. **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics**, 25(2), 4. 2020.

FREITAG, R. M. K. Reparos na leitura em voz alta como pistas de consciência sociolinguística. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, 36(2), 2020.

FREITAG, R. M. K.; TEJADA, J.; ALMEIDA, R.; CARDOSO, P.; SOUZA, V.; LEAL, V. (2021). Respostas emocionais da variação linguística: Análise exploratória de rastreio ocular. In *Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Tecnologia da Informação e da Linguagem Humana*, (pp. 398-408). Porto Alegre: SBC. doi:10.5753/stil.2021.17820

FREITAG, R. M. K.; TEJADA, J.; VASCONCELOS BRITO, I.; PINHEIRO, B.; SANTOS SILVA, L.; CARDOSO, P.; ANDRADE SOUZA, V. R. Julgamento de traços linguísticos e expressões faciais: uma abordagem do processamento da variação. **Cadernos de Lingüística**, 1(2), 01-19, 2020.

FREITAG, R. M. K.; SOUZA NETO, A. F.; CORRÊA, T. R. A. Panorama da Palatalização em Sergipe, In: **Língua e Sociedade: Diferentes Perspectivas**, Fim Comum. (p. 63 -80). Blucher, 2019.

FREITAG, R. M. K. O desenvolvimento da consciência sociolinguística e o sucesso no desempenho em leitura. **Alfa: Revista de Lingüística**, 65, 2021.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W.; ASH, S.; BARANOWSKI, M.; NAGY, N.; RAVINDRANATH, M.; WELDON, T. Listeners' sensitivity to the frequency of sociolinguistic variables. **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics**, 12(2), 10, 2006.

LABOV, W.; ASH, S.; RAVINDRANATH, M.; WELDON, T.; BARANOWSKI, M.; NAGY, N. Properties of the sociolinguistic monitor 1. **Journal of Sociolinguistics**, 15(4), 431-463, 2011.

SQUIRES, L. Processing grammatical differences: Perceiving versus noticing. In: **Awareness and control in sociolinguistic research** (p. 80-103). Cambridge, 2016.

TEJADA, J.; FREITAG, R.M.K.; PINHEIRO, B.F.M. *et al.* Building and validation of a set of facial expression images to detect emotions: a transcultural study. **Psychological Research**. 2021.

QUE DIÁLOGOS SÃO URGENTES PARA ASSEGURAR A PERMANÊNCIA E O USUFRUTO DO PATRIMÔNIO LINGUÍSTICO E CULTURAL DO BRASIL PARA GERAÇÕES PRESENTES E FUTURAS?

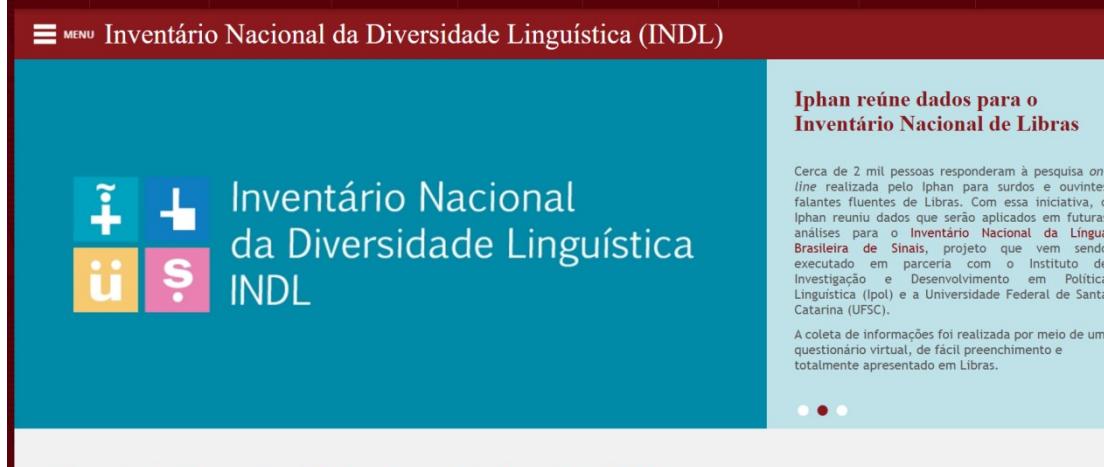
Marcia dos Santos Machado Vieira

Raquel Meister Ko Freitag

Juliana Bertucci Barbosa

Embora, mesmo depois da independência do Brasil, tenha sobressaído uma política de imposição do português como única língua oficial legítima (num processo histórico inclusive de glotocídio), vivemos num país com um manancial incrível em termos de línguas aqui faladas e de culturas associadas a essas línguas! No Brasil de hoje, a estimativa do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) está em mais de 250 línguas em uso: entre línguas indígenas, de imigração, de sinais (LIBRAS, entre elas), crioulas e afro-brasileiras, além do Português. Cada uma delas abrange um patrimônio de variedades e práticas sociodiscursivas que, se identificadas, mapeadas, documentadas e, então, (re)conhecidas, podem ser valorizadas, protegidas, preservadas, usufruídas em espaços diversos de várias áreas do saber. E é visivelmente crescente o interesse no mundo pelo mapeamento das sociedades humanas em suas múltiplas formas de expressão, bem como a rentabilidade desse interesse.

Figura 1: site INDL/IPHAN



Expressar-se é externar-se, existir, resistir! Comunicar(-se) é, em essência, relacionar-se! Quem ainda se sente confortavelmente no seu nicho científico ou educativo não entendeu nada do

mundo hiperconectado que vivenciamos e no qual nos expressamos necessariamente via linguagem! A observação da realidade multilingüística e multicultural do Brasil pautada na interseção dos conhecimentos oriundos de diferentes disciplinas e áreas é estratégica. E não é só estratégica para Letras e Linguística, que tem por meta explorar, segundo diversas perspectivas teórico-metodológicas (entre as quais, a sociolinguística), o rico potencial da área de linguagens! É estratégica para inúmeros propósitos em diferentes áreas: para relações diplomáticas e negociais que se deem em território nacional e internacional, para persuasão e publicidade que acessem, com eficácia, a audiência-alvo, para inteligência artificial e processamento de linguagem que se quer cada vez menos artificiais, para comunicação social e disseminação de conhecimentos que alcancem uma gama diversa de públicos e chamem seu interesse, para interações no campo do turismo e da museologia, que podem perspectivar a experiência da diversidade linguística de modo científico, criativo, lúdico e interessante. E essa percepção já está na esfera de muitas iniciativas.

Após muitos anos de trabalho dedicado, o Centro Ivar Aasen publicou ‘Museus de línguas do mundo’ que destaca 65 museus em 31 países em cinco continentes, bem como 15 museus digitais. Vários museus e monumentos sul-africanos são levados em consideração, incluindo o icônico Monumento e Museu da Língua Afrikaans em Paarl e os monumentos da língua em sete das províncias do país.

(...)

O livro destaca os museus da linguagem/de línguas inaugurados desde 1884, os museus da escrita e da cultura escrita, os museus em memória de pessoas que desempenharam um papel enorme no desenvolvimento da linguagem e os museus digitais dedicados às linguagens. Entre eles estão várias línguas indígenas das Américas, Europa e Austrália, além de dois museus dedicados ao Esperanto. "Museus de idiomas do mundo" também descreve projetos interessantes para novos museus em países como China, Coréia, Israel e Inglaterra, e inclui informações sobre uma variedade de festivais de idiomas e assim por diante.

Grepstad acrescenta que a maneira de pensar sobre a linguagem mudou em todo o mundo nas últimas décadas, e quase metade de todos os museus de línguas foram abertos desde 2000. “A linguagem é uma questão cultural, social ou política, bem como linguística, e nesse sentido mais amplo, os museus de línguas também incluem instituições que lidam com a cultura escrita ou falada como tema central”, diz.

Fonte: <https://www.taalmuseum.co.za/language-museums-of-the-world-launched-in-norway/>

Não é à toa que contamos, no Brasil, com espaços museológicos como o Museu da Língua Portuguesa (em São Paulo), o Museu Paraense Emílio Goeldi (em Belém), o Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro! Esses espaços são povoados por representações e materiais que resultam também de mapeamentos de línguas, acervos de coleções de dados linguísticos e descrições de variedades e normas de uso. Estes são alcançados por meio de pesquisas linguísticas,

como as que são desenvolvidas na área de ciência sociolinguística, e mediante inter(ações) para além da (Socio)Linguística (Aplicada).

Na área de Letras e Linguística, está em desenvolvimento a *Plataforma da Diversidade Linguística Brasileira* – um projeto nacional e coletivo, de iniciativa, desde 2019, do GT de Sociolinguística da Anpoll (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística) e acolhido pela gestão da Abralin (Associação Brasileira de Linguística) no biênio 2019-2021 e por comissões científicas e estratégias dessa associação (além da Comissão Científica de Sociolinguística). Tem como meta desenvolver um repositório digital que possa servir para reunir coleções de dados de diversas línguas em uso no Brasil, bem como de seu espectro de variações, e, então, promover salvaguarda, valorização e (re)uso delas e de suas variedades no Brasil e além. Também tem como meta investir, via interações com profissionais de diversas áreas e em ações formativas, na interoperabilidade de expertises e na preservação do saber fazer pesquisa de campo, mapeamento de variedades linguísticas e socioculturais, descrição de normas de uso e de sua relação com comunidades linguísticas, comunidades de prática discursiva e identidades de grupos sociais e de indivíduos, com a finalidade de disseminação de conhecimentos entre diversos públicos e espaços culturais, educacionais e políticos.

Em linhas gerais, importa dotar a sociedade nacional e internacional de um espaço digital de referência dinâmica e interoperável (inclusive, por sujeitos da sociedade) do patrimônio multicultural, multilingüístico e multi/dialetal do Brasil. Dessa forma, resgatar e preservar a memória dessa diversidade e promover, via empiria, o conhecimento, o respeito e o prestígio das diversas expressões de línguas que tecem, a um só tempo, a realidade linguística heterogênea e o cenário pluricultural, histórico e geopolítico do Brasil associado a essa realidade.

O trabalho envolvido nesse projeto nacional está, desde o início, a requerer e a mobilizar uma teia de (inter)ações urgentes. Assim, a equipe envolvida em várias frentes de ações busca dialogar com a sociedade científica e civil, com agências de memória e organizações governamentais (Iphan, Unesco, entre elas), com instituições públicas de Financiamento, Planejamento e Gestão, Patrimônio, Educação e Cultura, com pesquisadores e profissionais da Ciência da Informação e da Tecnologia, com pesquisadores de Ciências Sociais, Ciências de Direito/Justiça e de Política, com sujeitos de Ciências da Educação, Museologia, Produção Cultural.

Que (inter)ações são urgentes?

Tendo em vista essas discussões, consideramos como ações e interações necessárias dos sociolinguistas na sociedade as seguintes:

- (i) Diálogo com a sociedade científica e civil, agências de memória e organizações governamentais (Iphan, Unesco, entre elas) e conscientização sobre demandas, direcionamentos e metas comuns para as quais sociolinguistas podem colaborar;
- (ii) Diálogo com instituições públicas de Financiamento, Planejamento e Gestão, Patrimônio, Educação e Cultura e, então, prospecção de políticas e rumos estratégicos (inclusive, nacionais) relativos a compartilhamento de ciência sociolinguística e a (re)usabilidade de saberes obtidos nessa área em diferentes espaços educacionais e culturais no Brasil;
- (iii) Diálogo com pesquisadores e profissionais da Ciência da Informação e da Tecnologia, para a solução de demandas da área (como as relativas a Big Data, repositório de dados de pesquisa em servidor físico ou em nuvem, preservação em formatos que dêem conta de contínuo avanço tecnológico) e para contribuição a interesses relativos às áreas de Modelos de Linguagem de grande escala (LLM), Aprendizado de Máquina em Inteligência Artificial, Humanidades Digitais, Organização da informação em categorias semânticas que permitam interoperabilidade (por humanos e máquinas), por exemplo;;
- (iv) Diálogo com pesquisadores de Ciências Sociais (Sociologia, Antropologia, Arqueologia, Ciências da Terra), Ciências de Direito e de Política e, assim, apreensão da complexa realidade multicultural e multilingüística e, com isso, propulsão, ancorada em diferentes áreas de conhecimento, a direcionamentos relativos à defesa/conquista de direitos linguísticos, inclusão sociolinguística, compreensão de diversidade como riqueza, acessibilidade com respeito à diferença, representatividade da heterogeneidade social;
- (v) Diálogo com sujeitos de Ciências da Educação, Museologia, Produção Cultural;
- (vi) Propagação, por meio de sensibilização, adesão e formação continuada de recursos humanos, de uma cultura de partilha, cooperação e coaprendizagem que desbanque uma mentalidade latifundiária desatualizada mas ainda seguida no mundo científico, para podermos ensejar pleno usufruto de nosso bem comum (o patrimônio imaterial de diversidade linguística e sociocultural no Brasil) às gerações presentes e futuras.

Nossa urgência para a sociedade!

Mostramos aqui alguns percursos e diálogos que estão no nosso horizonte. Nossa intuito, é incentivar colegas por todo o país a unirem forças e expertises nesse projeto nacional e avivar a potencialidade de diálogos transdisciplinares que podem resultar delas. Entendemos que a melhor maneira de celebrar o Bicentenário da Independência do Brasil é convocar parcerias em prol de nossa independência científica e patrimonial de plataformas estrangeiras que têm coleções de dados

de línguas do Brasil e, assim, do desenvolvimento e sustentabilidade de uma plataforma nacional de coleções de dados sociolinguísticos e socioculturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MACHADO VIEIRA, M.; WIEDEMER, M. L; FREITAG, R. M. K; BARBOSA, J. B; PERES, E. P.; MOLLICA, M. C.; M. . Plataforma da Diversidade Linguística Brasileira. Projeto apresentado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UFRJ e à Fundação Universitária José Bonifácio, em razão do Edital BNDES - Chamada Pública para seleção de propostas no âmbito da iniciativa Resgatando a História N. 01/2021, agosto de 2021.

MACHADO VIEIRA, M.; BARBOSA, J. B.; FREITAG, R. M. K.; BORGES, M. M.; MEDEIROS, A. L. S. Collections of data open to society: linguistic and sociocultural memory and potential for (re)use. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 1, p. e607, 24 Jan. 2022. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/607>

MACHADO VIEIRA, M. dos S.; BARBOSA, J. B. Coleções de dados brasileiras para o ensino de português. São Paulo: Blucher Open Access, 2022. p.335-345. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/21-23344>.

PROJETO LÍNGUA EMCENA: COMO OS LINGUISTAS ESTUDAM A MUDANÇA LINGUÍSTICA A PARTIR DA PRESERVAÇÃO DE UM PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL?

Rosane de Andrade Berlinck

Silvia Maria Brandão

Marcus Garcia de Sene

Caroline Carnielli Biazolli

Milena Aparecida de Almeida

Se as sociedades mudam com o tempo, não seria natural que as línguas também mudassem?

Quando retomamos o nosso conhecimento da história do Brasil, lembramos que Pedro Álvares Cabral chega às costas brasileiras em 22 de abril de 1500. De lá para cá, não só o Brasil mudou, mas também a língua portuguesa trazida pelos europeus, uma vez que esta passou por diferentes processos de variação e mudança linguísticas.

Vocês já devem imaginar que a língua portuguesa falada em 1822, quando se proclama a Independência do Brasil, não é exatamente igual a que falamos no século XXI. Um exemplo pode ser visto nos trechos das cartas setecentistas e oitocentistas editadas e analisadas, em 2004, pela pesquisadora Márcia Rumeu em sua dissertação de mestrado.

Quadro 1 - Trechos de cartas dos períodos colonial e imperial brasileiros

“(...) Vossamercê metem Sempre muito prompto para emtudo lhemostrar aminha Estimação.”	“(...) Domesmo Continente medarâ enCarregado, doqueSetiver posto empratica aeste Respeito, edetudo que tiver aContecido nas partez emque Vossamercê seachar (...).”
--	---

(Carta oficial (07). Marquês do Lavradio. RJ, 15.02.1774.)

“(...) Depois de ter escrito a Vossa Senhoria duas Cartas nesta occaçião, faço esta para o importunar, pedindo lhe queira remeterme com brevidade possivel as encomendas constantes da Relação inclusa, cuja importancia será entregue apessoa que Vossa Senhoria para este fim authorizar nesta Cidade, ou irá em Letra para Lisboa na forma que me avizar. (...)"

(Carta não oficial (01). D. Fernando Joze de Portugal RJ, 16.04.1803.)

(Carta oficial (07). Marquês do Lavradio. RJ, 15.02.1774.)

“(...) Estimarei muito que Vossa Senhoria aache digna de ser guarda nessa Academia, e ter occaçião de ocupar-me no seu serviço (...).”

(Carta não oficial (07). Bernardo Teixeira Coutinho Alvarez de Carvalho. RJ, 11.07.1815.)

Fonte: adaptação da dissertação de Márcia Rumeu (2004)

Os trechos das cartas acima são do século XVIII e XIX. Nelas, podemos observar que, para além da diferença na ortografia de algumas palavras como **occazião** > **ocasião** e **authorizar** > **autorizar**, também existem formas de tratamento que não são mais utilizadas, como é o caso de **Vossa Mercê** e **Vossa Senhoria**. Isso equivale a dizer que, para além de transformações sociais que ocorrem na sociedade em geral, a língua também sofre alterações.

Essas transformações são registradas por diferentes tipos de pesquisadores da área de Linguística, entre eles os sociolinguistas, que buscam entender as mudanças em uma determinada língua, relacionando-a com a sociedade que a utiliza. A título de exemplo, na linguística brasileira, a tese de doutoramento do linguista Carlos Alberto Faraco, defendida em 1982, trouxe uma grande contribuição para os estudos históricos, ao atestar que a forma pronominal *você* aparece pela primeira vez no século XVII e seu aparecimento possui motivações sociais, ligadas à própria formação da sociedade da época. A oposição *tu* e *vós*, típica do português arcaico, começa a abrir espaço para outras formas a partir de 1385, com a revolução burguesa, liderada por D. João I de Avis:

Nessa altura, aparece *Vossa Mercê*, tratamento próprio ao rei e que, posteriormente, no século XVI, começam a aparecer outras formas de tratar reis e a nobreza – *Vossa Senhoria*, *Vossa Excelência*, por exemplo, tornando-se *Vossa Mercê* mais geral, vindo a gramaticalizar-se [mais tarde] no *Você*. (MATTOS e SILVA, 2008, p. 59)

O que percebemos é que as mudanças sociais também impulsionam mudanças na língua, afinal a língua não existe fora de uma comunidade de falantes, de igual modo que a comunidade não existe sem a língua. Os estudiosos que se preocupam com essa investigação já concluíram que uma coisa (a sociedade) não determina a outra (língua), o que acontece é um processo de interação contínua, em que uma se reflete na outra. Em outras palavras, língua e sociedade se retroalimentam. Isso posto, se as sociedades mudam com o tempo, é natural que as línguas também mudem.

Como estudar as mudanças em uma língua?

O interesse em estudar as mudanças nas línguas não é de hoje, mas as lentes que utilizamos para observar essas mudanças são diferentes, a depender do momento histórico e/ou da linha teórica.

Desde pelo menos o século XVIII, delineavam-se os caminhos para o estudo histórico da linguagem, uma vez que as línguas eram comparadas, a partir de suas semelhanças e diferenças, para que se descobrisse qual era a língua de origem de todas as outras. Era consenso, até então, considerar o Hebraico a língua de origem da humanidade, mas, com o avanço dos estudos denominados comparatistas no século XIX, essa ideia cai por terra. Propõe-se a família linguística indoeuropeia,

que teria como origem uma língua hipotética – o proto-indoeuropeu. Importante dizer que não se afirma ser esta a primeira língua de todas, mas a língua-mãe de um conjunto importante de línguas conhecidas. Ainda no século XIX, como um desdobramento dos estudos comparatistas, os pesquisadores se voltam para a explicação da mudança fonética e morfológica, na busca de regularidades nas transformações observadas entre as línguas parentadas – o que ficou conhecido como movimento neogramático.

Se a história define os estudos linguísticos durante o século XIX, a primeira metade do século XX é marcada por um vácuo histórico. Temos o predomínio de abordagens que se voltaram para o sistema interno da língua, seus aspectos formais, sem considerar suas funções comunicativas e nem sua natureza mutável. É principalmente a partir dos anos 1960 que o estudo da língua em perspectiva histórica começa a ser resgatado. Esse resgate recupera e elabora as ideias pioneiras de Antoine Meillet, que, já no começo do século XX, afirmava que só poderíamos compreender a mudança linguística buscando suas motivações na relação da língua com a sociedade. Uma das correntes teóricas que surge nesse movimento de recuperação da história é a Sociolinguística Variacionista, uma das mais produtivas no estudo da variação e mudança linguística a partir de dados reais de produção da língua.

Pensar mudança da língua necessariamente envolve o trabalho com a língua em intervalos temporais anteriores à contemporaneidade, mas não somente. É possível, a partir de textos produzidos na contemporaneidade, observar a geração da qual faz parte o produtor deste texto e, a partir daí, construir hipóteses acerca da língua utilizada no passado. A Sociolinguística chama esses estudos de “estudos de tempo aparente”. No entanto, essas hipóteses só podem ser confirmadas em estudos feitos em tempo real, ou seja, observando a língua em momentos passados. Além disso, a Sociolinguística prioriza o estudo da fala, ou seja, da oralidade, por entender que ela constitui espaço privilegiado de variação na língua e de possível mudança. Porém, quando nos voltamos para o passado, inevitavelmente, temos que lidar com textos escritos, pois gravadores de fala nem sempre existiram. Isso possui implicações nos métodos utilizados. Instaura-se, a partir daí, um grande desafio para os estudos que se voltam para o passado da língua, visto que, além de não termos acesso a textos orais, dificilmente temos informações sócio-históricas completas acerca de textos escritos, muitas vezes preservados ao longo do tempo pelo acaso. Uma resposta a esses desafios tem sido elaborada por uma corrente teórico-metodológica ainda jovem nos estudos linguísticos – a Sociolinguística Histórica.

Como os sociolinguistas históricos estudam as mudanças da língua?

Da mesma forma que o historiador tem um importante papel na preservação e recuperação de momentos históricos que contribuem para a formação social do Brasil, os chamados sociolinguistas históricos são historiadores da linguagem que buscam articular os processos de variação e mudança linguísticas com o contexto sócio-histórico em que os textos-fonte do passado foram produzidos. Parte desse trabalho está na recolha de materiais pretéritos, como cartas pessoais, documentos e peças teatrais, com vistas a preservar um patrimônio tão importante, que é a língua, além de sistematizar e reconhecer as mudanças linguísticas que o português do Brasil veio sofrendo desde a chegada dos primeiros colonizadores. Para resgatar essas preciosas fontes, os sociolinguistas históricos, assim como os linguistas históricos em geral, dependem crucialmente do diálogo com uma outra área de especialidade – a Filologia. São os filólogos, especialistas na história dos textos, que tornam as fontes documentais legíveis para o leitor moderno, mas sem comprometer a fidelidade do texto original. Sem o trabalho atento de todos esses pesquisadores não saberíamos nada a respeito de como a língua portuguesa era usada anteriormente no território tupiniquim.

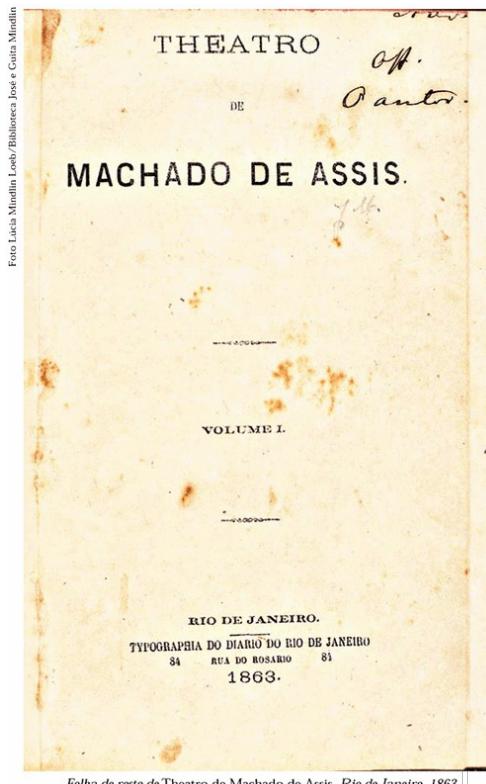
No Brasil, o trabalho de preservação e recuperação de documentos históricos da língua portuguesa tem sido desenvolvido por diferentes grupos de pesquisa, a partir de projetos que recolhem variados documentos antigos que podem retratar o português usado em tempos pretéritos. É o caso do *Programa para a História da Língua Portuguesa* (PROHPOR), do projeto *Para História do Português Brasileiro* (PHPB), do *Projeto História do Português Paulista* (PHPP), do *Projeto de História da Língua Portuguesa* (Projeto HistLing), do *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*, do projeto *Língua EmCena: para uma Sociolinguística Histórica em peças teatrais*, entre outros. Todos eles se voltam para o estudo da língua em tempo real e reúnem uma heterogeneidade de textos, a partir dos quais desenvolvem estudos acerca do português brasileiro e das mudanças que nele ocorreram, em geral associados a uma perspectiva sócio-histórica da língua.

Um dos grupos de pesquisa brasileiro que investiga a história da língua portuguesa, e que este texto vai apresentar, é o Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara que, por intermédio do projeto *Língua EmCena: para uma Sociolinguística Histórica em peças teatrais*, constrói um *corpus* de peças de teatro dos séculos XIX, XX e XXI. A Sociolinguística tem priorizado desde seu início o estudo da fala, como já mencionamos, por entender que ela constitui o espaço privilegiado para investigar a variação. No entanto, o fato de os linguistas terem que lidar com a falta de acesso ao texto falado de tempos remotos torna necessário estudar fenômenos em registros escritos da língua. Para se aproximar o mais possível de uma representação fiel do registro oral da época estudada, os pesquisadores têm analisado, com bastante sucesso, fenômenos linguísticos em cartas

(geralmente pessoais) e em peças de teatro de diferentes séculos. Considera-se que são registros escritos mais próximos do registro oral, pois estão estruturados essencialmente no diálogo – entre um escrevente e um destinatário (cartas), entre os vários personagens das peças.

Do que se trata o projeto Língua EmCena?

Se considerarmos que a língua não existe sem os seus falantes, não teríamos uma compreensão plena de como era o português falado no século XIX, por exemplo, sem igualmente conhecer quem eram as pessoas, ou melhor, os perfis sociais das pessoas que usavam o português naquela época. Para isso, o projeto Língua EmCena, desenvolvido na UNESP, se propõe a desenvolver a difícil (mas não impossível) tarefa de recolher peças teatrais dos séculos XIX, XX, XXI, bem como construir um perfil social dos personagens que compunham as peças analisadas com base em estudos sociológicos, antropológicos e históricos sobre a realidade brasileira.



Folha de rosto de Theatro de Machado de Assis. Rio de Janeiro, 1863.

Foto: Lúcia Mindlin Loeb/Biblioteca José e Guita Mindlin. Retirada em:
http://machado.mec.gov.br/cronologia-lis_ta/item/154-1863

No começo deste texto, ressaltamos a importância de pensarmos língua a partir também da sociedade. O projeto Língua EmCena nasce, então, da necessidade de se construir um *corpus* robusto que permita uma análise sócio-histórica da língua, propondo um uso renovado de peças de teatro,

que são registros escritos que se aproximam da fala, pois são textos escritos que foram criados para serem encenados em palco.

Além de preservar um patrimônio imaterial e organizar um acervo de peças, os integrantes do projeto analisam os perfis sociais de cada personagem, com base em parâmetros estabelecidos a partir de uma fundamentação histórico-social dos períodos em que as peças foram escritas, dos contextos espaciais, bem como das estéticas do autor de cada peça. Com a reunião das peças e a categorização dos perfis sociais de personagens, é possível observar como fenômenos da língua se comportavam em tempos anteriores ao nosso, levando em conta sua correlação com aspectos sociais como classe social, fase da vida, instrução e sexo/gênero.

Assim, podemos avaliar se uma forma linguística teria se difundido sobretudo por personagens pertencentes às classes mais baixas, intermediárias ou mais altas; por personagens que representam pessoas mais velhas ou mais jovens; sem instrução, com instrução básica, técnica ou avançada; ou mesmo por personagens do sexo/gênero feminino ou masculino. Essas correlações nos permitem construir um retrato sociolinguístico da mudança da língua e, a depender do perfil social pelo qual se difunde, essa mudança pode ser freada, acelerada etc.

Vamos exemplificar a abordagem do Língua EmCena a partir do estudo que Sonia Cyrino realizou em 1997. A pesquisadora verificou a realização de um fenômeno sintático conhecido como “objeto direto anafórico” em comédias ao longo da história do português, com destaque para o português brasileiro, tendo identificado três formas de realização para esse tipo de complemento verbal:

Exemplo:

- (1) Eu procurei **José** por toda parte, mas só **o** encontrei na rua.
- (2) Eu procurei **José** por toda parte, mas só encontrei **ele** na rua.
- (3) Eu procurei **José** por toda parte, mas só encontrei [] na rua.

Na sentença em (1), tem-se o uso do clítico “o” (pronome átono) ocupando a posição de objeto direto anafórico, ou seja, recuperando algo que foi dito anteriormente, neste caso **José**. Na sentença em (2), é usado o que se chama de pronome lexical, ou seja, ao invés do ‘o’ é utilizado o ‘ele’. Na sentença (3), temos o que se denominou *objeto direto nulo* (ou anáfora zero). Nesse caso não aparece um item lexical para estabelecer a correferência com **José**, há uma lacuna; mas o contexto permite que interpretemos que é **José** que eu encontrei na rua. O estudo de Sonia Cyrino mostrou que, no século XIX, ainda predominava o uso da opção (1) – o pronome átono, mas também revelou, pela primeira vez, casos de objeto direto anafórico como em (2), com o pronome tônico. Essa é uma constatação muito importante para os estudos da história do português brasileiro, pois

atesta o início do uso de uma forma hoje bastante comum. Seria possível saber mais sobre os usos? Sobre o perfil social de quem usava essas formas?

Uma análise mais minuciosa dos dados dessa pesquisadora mostrou que os casos de pronome tônico (ele/ela) na posição de objeto direto ocorreram apenas na peça “O Demônio Familiar” e apenas na fala de um personagem. Tal personagem, denominado Pedro, é caracterizado como um jovem negro, de 14 anos, escravo, malandro e autor de várias intrigas e incidentes que acontecem na peça. Observe os exemplos abaixo:

- A. Nhonhô não sabe? Ela tem paixão forte por Sr. moço Eduardo; quando vê **ele** passar, coração faz tuco, tuco, tuco! Quer casar com doutor. (p. 88)
- B. O pior é se vai perguntar, como outro dia, **por que Sr. moço não vai visitar ela**; eu respondi que era para não dar que falar; (...) (p. 88)
- C. Então rapaz fino volta as costas, assim como quem não faz caso; e **moça só espiando ele**. (p. 127)

Nos três trechos retirados da peça, os pronomes lexicais “ele” e “ela” funcionam como objeto direto dos verbos “ver”, “visitar” e “espiar”. A forma mais frequente, e aquela utilizada pelos demais personagens da peça, é o pronome clítico na posição de objeto direto – ou seja, a sentença em (1). Sendo assim, quando revemos o estudo de Cyrino, além da sua constatação de que o uso da sentença em (2) era menos recorrente do que da sentença em (1), também constatamos que a utilização do pronome lexical (ele/ela) na posição de objeto direto estava associada a um falante que, para sociedade da época, mais especificamente de 1857, era de uma camada menos favorecida e, portanto, falante de uma variedade linguística popular.

Esse exemplo é importante para mostrar que o projeto Língua EmCena pretende não apenas compreender como era o português falado em tempos pretéritos, mas sobretudo a quem essas formas linguísticas estavam associadas, quais eram os perfis sociais que utilizavam mais uma forma de falar do que outra. Esse enquadramento social dos usos linguísticos é que vai permitir que entendamos plenamente a variação e a mudança linguística.

Qual a importância de projetos que estudam a mudança da língua?

A partir das considerações colocadas no texto, é imprescindível reforçar a importância para a nossa sociedade dos projetos que estudam a mudança da língua. Para isso, devemos compreender que a língua é um patrimônio cultural imaterial. Desse modo, organizar os materiais escritos que sobreviveram aos acasos do tempo é de suma importância para que possamos entender como nossa sociedade um dia foi organizada e de que modo o português tem mudado desde a sua chegada ao

Brasil. Assim, existe um fator de preservação histórica importante no que se refere aos textos escritos que sobreviveram a inúmeras eventualidades, sejam acidentes climáticos, descarte descuidado ou outras situações de risco, que reforçam o valor desses documentos para recuperação de momentos da história do Brasil.

Para além disso, a investigação minuciosa dos textos escritos, tal qual a caracterização dos personagens em peças teatrais feita pelo projeto Língua EmCena, nos permite reflexões mais sistematizadas a respeito das dinâmicas sociais. Como mencionado, a relação entre a língua e a sociedade é contínua, em um processo mútuo de interferências, o que faz com que a mudança linguística precise ser investigada por meio das relações sociais estabelecidas no período histórico referido. Retomando o exemplo do estudo sobre o “objeto direto anafórico”, os dados encontrados se ampliam quando nos voltamos para aquele que os produz, isto é, o pronome tônico na posição de objeto direto na fala de Pedro nos aponta para uma relação de valor e poder associada à forma linguística e à pessoa que a utiliza.

Sem o trabalho minucioso daqueles que organizam os projetos, assim como daqueles que estudam os processos de mudança da língua, nossa história estaria incompleta. A língua portuguesa precisa ser investigada, assim como as pessoas que a utilizaram, para que o quadro histórico do território brasileiro esteja completo e possa ser contado para as gerações futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CYRINO, S. M. O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico. 1997. Tese (Doutorado) – UNICAMP, Campinas, 1994. [Publicada em 1997 pela Ed. da Universidade Estadual de Londrina].

FARACO, C. A. **The Imperative Sentence in Portuguese**: a semantic and historical discussion. Tese (Doutorado em Linguística). University of Salford, Salford, 1982.

MATTOS e SILVA, R. V. **Caminhos da linguística histórica**: ouvir o inaudível. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RUMEU, M. C. B. Para uma história do português no Brasil: formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas. 2004. 2v. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

PARA SABER MAIS:

BERLINCK, R. A.; BARBOSA, J. B.; MARINE, T. C. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua. **Revista da ABRALIN**, v.7, p.53-79, 2008.

CONDE-SILVESTRE, J. C. **Sociolingüística Histórica**. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

MATTOS e SILVA, R. V. **Ensaios para uma sócio-história do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

SOCIOLINGUÍSTICA E PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA (PLE)? JÁ DEU MATCH!

Natália Fonte Boa Romualdo
Juliana Bertucci Barbosa

Se a Sociolinguística e o Português como Língua Estrangeira (PLE) fossem pessoas, com certeza, em algum momento formariam um par romântico muito apaixonado! Isso porque ambos têm muito em comum e, ao mesmo tempo, são complementares – ou seja, pré-requisitos importantíssimos não só para um *date* de sucesso, mas, quem sabe, para uma vida inteira bem-casados!

Neste capítulo você vai entender como essas áreas se relacionam e como, de fato, elas se interessam pelos mesmos assuntos (língua, cultura e sociedade), ao mesmo tempo em que a Sociolinguística tem contribuído e tem muito a contribuir para o PLE e vice-versa. Que este texto seja o pontapé inicial para que você se interesse pelos estudos sociolinguísticos em língua materna e/ou estrangeira e, aproveitando a metáfora do romance, que por meio dessas reflexões fique evidente como funciona um relacionamento saudável... Por que não?

Português também é gente, uai!

Certo dia, a mãe da Natália chegou em casa dizendo que tinha ido ao shopping fazer compras, pois estava estressada. Natália não conseguiu esconder a surpresa, pois a mãe nunca tinha feito algo assim e, quase que imediatamente, Natália disse “óh!” - isso foi o suficiente para que ela se manifestasse dizendo a icônica expressão que intitula este tópico: “Óh, por quê? Eu também sou gente, uai!”. Desde então, eu tenho refletido sobre quem e o quê também “são gente”.

Na perspectiva da mãe, “ser gente” significa ter a oportunidade de sair da rotina, de realizar algo novo, de ir além do que esperam dela, de sair do senso comum muitas vezes limitante. E você, já se deu a oportunidade de visualizar a língua portuguesa para além do óbvio? Tá bom, tá bom, já sabemos que ela é língua oficial no Brasil, em Portugal, em Angola, em Moçambique, em Guiné-Bissau, em Guiné Equatorial, em Timor-Leste, em Macau, em Cabo Verde e em São Tomé e Príncipe. Mas o que mais você sabe sobre esse idioma que está cada vez mais popular?

um minuto de silêncio para refletir....

Ok, se nada veio à sua mente, vamos te ajudar com algumas informações básicas para que você saiba responder na próxima OPORTUNIDADE: segundo informações do Instituto Camões, cerca de 260 milhões de pessoas falam português, o que representa 3,7% da população mundial.

Ainda, na matéria publicada no site da [Agência Brasil](#) em 2022, o instituto afirma que é o quarto idioma mais usado, depois do mandarim, do inglês e do espanhol. Além disso, o português está presente em pelo menos 5 blocos econômicos regionais (União Européia, Mercosul, SADC, CEEAC, CEDEAO), além de ser a 5^a língua em usuários da internet. E não paramos por aí: a estimativa da [Comunidade dos Países de Língua Portuguesa \(CPLP\)](#) é de que, até o final do século, mais de 500 milhões de pessoas no mundo falarão português.

POV: você descobriu que as pessoas querem aprender português!

Uma das siglas mais recentes popularizadas nas redes sociais é “POV”, que significa “*point of view*” e é usada quando os usuários publicam algo que descobriram e acharam interessante compartilhar a partir do seu ponto de vista. Nesse caso, parece mais do que interessante, mas, urgente, declarar que sim – há milhares de pessoas ao redor do mundo que querem aprender ou já aprenderam a língua portuguesa como segunda língua, por exemplo. E para aqueles que se recusam acreditar nisso devido à suposta supremacia de outras línguas, os dados surpreendentes citados no tópico anterior não nos deixam mentir.

Por razões diversas (trabalho, estudo, intercâmbio, lazer, curiosidade etc.) milhares de pessoas ao redor do mundo querem aprender ou já aprenderam português. Pode ser que o que será dito faça parte de uma experiência pessoal, mas é alarmante a ideia de que, muitas vezes, os estrangeiros têm mais interesse em estudar a língua portuguesa de maneira ampla do que alguns de seus falantes nativos. Ao que parece, o olhar daquele que é de fora é muito mais receptivo e acolhedor às variantes da língua do que a percepção daqueles que as usam com naturalidade no dia a dia. O estrangeiro se diverte e é surpreendido pelas diversas possibilidades de se comunicar, considerando o contexto de fala para além da gramática. Por outro lado, parte dos falantes nativos, detentores natos dessa riqueza linguística e cultural, preferem se policiar e policiar o outro sempre que podem, como se tratasse de uma “caça ao erro”, na qual nada mais importa além das regras gramaticais.

Mas vamos voltar para o raciocínio que nos importa: o português, afinal de contas, é gente! Muitas pessoas já se deram a oportunidade de aprender o idioma e muitas outras estão nesse processo que envolve não só a aquisição de uma língua outra, mas a ampliação de seus conhecimentos de mundo e a redescoberta de suas próprias identidades. Cada uma em seu tempo, à sua maneira e em seu contexto político, histórico-cultural e social.

Misericórdia! Quantas siglas!

Provavelmente você já teve o seu momento “*Eureka*” ao descobrir que da mesma forma que você já quis aprender ou já aprendeu outra língua, muita gente também teve ou tem o mesmo interesse pela língua portuguesa. E como foi dito no final do tópico anterior, esse processo de aquisição de uma outra língua depende do contexto de cada aprendiz. A realidade vivida por cada um deve ser considerada pelos professores de PLE para que a experiência seja mais significativa do que a mera memorização de estruturas linguísticas.

Nesse sentido, PLE não é a única sigla possível. Alguns estudiosos consideram o “Português como Língua Estrangeira” o termo geral, mas há vários outros que categorizam o contexto em que está acontecendo tal ensino-aprendizagem. Para facilitar, imagine que PLE é uma pizza bem gostosa de calabresa, certo? Bom, dentro dessa pizza há os demais ingredientes: calabresa, queijo, molho de tomate, temperos etc. Pronto! É como se cada um dos ingredientes representassem um contexto diferente de ensino do português.

“Ok, já entendi! Mas quais são as outras siglas?”

Segundo o "Vocabulário de Metodologia de Línguas Estrangeiras e Aquisição de Segunda Língua" disponibilizado no site do professor Luis Gonçalves, existem, pelo menos, vinte siglas relevantes para o ensino de português:

- **PLN** Português Língua Nativa
- **PLM** Português Língua Materna
- **PLH** ou **POLH** Português Língua de Herança
- **PSL** ou **P2L** Português como Segunda Língua
- **PL2** Português Língua Segunda
- **PL2E** Português como Segunda Língua para Estrangeiros
- **PSLS** Português como Segunda Língua para Surdos
- **PBSL** Português Brasileiro como Segunda Língua
- **PTL** Português como Terceira Língua
- **PLE** Português Língua Estrangeira
- **PLNM** Português Língua Não Materna
- **PFOL** Português para Falantes de Outras Línguas
- **PLA** Português Língua Adicional
- **PBLA** Português Brasileiro como Língua Adicional
- **PPP** Português Para as Profissões
- **PFE** Português para Fins Específicos
- **PLAc** Português Língua de Acolhimento
- **PLV** Português Língua Viva
- **PFE** Português para Fins Específicos
- **PI** Português Instrumental
- **PBE** Português Brasileiro para Estrangeiros

Ufa! Talvez uma pizza com tantos ingredientes assim seja inovação no mercado alimentício. Mas uma coisa é fato: para saboreá-la por completo será preciso algumas milhões de pessoas famintas por conhecimento ao redor do mundo - e isso nós já temos!

Por que a Sociolinguística e o PLE combinam tanto?

Para responder essa pergunta, pense em você enquanto aprendiz de uma língua estrangeira. Ao embarcar nessa jornada rumo a novos entendimentos, você deseja aprender apenas o sistema de funcionamento dessa língua ou também tem interesse em conhecer aquilo que está nas entrelinhas de um texto ou, mais do que isso, aquilo que foge ao registro escrito? Em outras palavras, você acredita que língua, cultura e sociedade são *best friends* ou *haters*?

Bom, saiba que há uma expectativa alta de que você tenha respondido a primeira opção, porque língua, cultura e sociedade são mais que amigas, *friends*! Ambas são indissociáveis. Se o ensino-aprendizagem de um idioma acontece pautado apenas no estudo das regras sistemáticas, provavelmente ele será insuficiente para que o estudante se comunique de maneira eficiente no dia a dia daquele país onde se fala a língua estrangeira em foco. Isso com certeza gera muita frustração e pode até fazer com que o aluno perca o interesse em aprender. Caso essa situação tenha acontecido com você em algum momento, que este texto sirva como uma espécie de reanimação, pois ainda há chances de se tornar um falante proficiente!

E não há nenhum segredo, muito menos uma receita de bolo. Na verdade, é muito simples: para a aquisição de uma língua estrangeira, é necessário, também, conhecer aspectos culturais, históricos e sociais que fazem parte da realidade dos falantes nativos - isso inclui variantes, expressões idiomáticas, dialetos, sotaques, provérbios, ditados populares, entre tantos outros temas. Alô, Sociolinguística? Estamos falando de você!

Em resumo, a união da Sociolinguística com o PLE proporciona aos estudantes a oportunidade de aprenderem uma língua ampla e efetiva tanto em contextos mais formais quantos em ambientes mais informais. Ela propicia aos professores as ferramentas necessárias para ensinar que o português falado no Brasil, por exemplo, é uma variedade diferente daquelas outras faladas em África. Ela mostra o quanto interessante é o fato de que as palavras “tia” e “dia” são pronunciadas de maneiras distintas nas regiões brasileiras. Ela leva o aluno a entender que a variação linguística pode acontecer devido a fatores internos e externos à língua. Ela faz com que os estudantes possam enxergar as diferenças com bons olhos, combatendo o preconceito linguístico e promovendo, finalmente, o que chamamos de respeito linguístico.

Meta: um relacionamento tão saudável quanto o da Sócio com o PLE!

A verdade é que essa dupla tem encantado muita gente ao longo do tempo, porque juntas são, praticamente, imbatíveis!

Caso esse tema tenha despertado a sua curiosidade e agora você queira conhecer exemplos práticos dessa união, há muitas possibilidades de investigação e cabe a você escolher aquela que lhe interessar. Se você gosta de ler textos acadêmicos, muitos artigos produzidos pelas(os) professoras(es) Alexandra Araújo, Aline Antunes, André Ramos, Juliana Bertucci Barbosa, Maria Cristina Bergamaschi, Maria Tereza Marchesan, Márluce Coan, Rafael Ferreira, Velúnia Freitas podem ajudar! Esses e muitos outros textos relacionados estão disponíveis gratuitamente em repositórios online na internet.

Mas se você prefere assistir a vídeos no Youtube, não se preocupe. A Babbel Brasil criou uma playlist muito interessante intitulada "Sotaques e Expressões do Brasil: Como Falamos de Norte a Sul". Essa playlist é composta por 7 vídeos nos quais falantes representativos do Pará, de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul e da Bahia se encontram com estrangeiros aprendizes de PLE e pronunciam fragmentos de textos contendo expressões típicas de suas localidades. Os aprendizes escutam os fragmentos e tentam adivinhar seus significados.

Por outro lado, se você prefere consumir conteúdos nas redes sociais, a Lecil Alvino está à disposição! Ela é americana, mas vive no Brasil com seu marido, que é de São Paulo. Lecil tem mais de 500 mil seguidores em seu Instagram e recentemente foi entrevistada em um programa de TV nacional devido ao sotaque paulistano que possui quando se expressa na língua portuguesa. Por outro lado, Joe Wolchover revela ser um “gringo baiano” e diverte os seus mais de 400 mil seguidores com conteúdos engraçados nas redes sociais. Ele é britânico, filho de pai inglês, mas passa muito tempo no Brasil, especialmente na Bahia, devido à sua família por parte de mãe e, por essa razão, fala português com o sotaque baiano.

Uma última dica de material rico aos professores de línguas que estão por aqui é o Portal do Professor de Língua Portuguesa (PPPLE). Esse portal está disponível gratuitamente na internet e possui diversos roteiros de aula com atividades em diferentes variedades do português a nível mundial. É possível filtrar os roteiros por categorias temáticas ou até mesmo por nacionalidades. Sem dúvidas é um prato cheio para trabalharmos a variação linguística em sala de aula e para expandir o conhecimento de mundo de nossos estudantes. E, ah! O Museu da Língua Portuguesa também tem feito um trabalho bem legal e relevante para conscientizar a população sobre a existência de outras variedades da nossa língua nesse mundo a fora.

Como cantam Vanessa da Mata e Ben Harper, é só isso, não tem jeito, acabou... mas como finalizar um assunto que não tem fim? É sobre isto: os frutos da união entre a Sócio e o PLE só se multiplicam, nunca se esvaem. Afinal, como dizem por aí, quem tem limite é município!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, J. B.; FREITAS, V. T. de. Como os estudantes em mobilidade ERASMUS na Universidade de Aveiro percebem as variedades do português?. **Entretextos**, Londrina, v. 21, n. 3Esp., p. 25–46, 2021. DOI: 10.5433/1519-5392.2021v21n3Esp.p25. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/44672>. Acesso em: 14 jan. 2024.

FONTE BOA ROMUALDO, N.; BERTUCCI BARBOSA, J. Percepções e avaliações sociolinguísticas do português brasileiro como língua não materna. **Portuguese Language Journal**, [S. l.], v. 16, 2022. Disponível em: <https://portugeselanguagejournal.com/index.php/home/article/view/68>. Acesso em: 24 fev.2024.

OLIVEIRA, G. M. Política linguística e internacionalização: a língua portuguesa no mundo globalizado do século XXI. **Trab. linguist. apl.** [online], 52 (2), 2013, p. 409 -433.

DIÁLOGOS ENTRE SOCIOLINGUÍSTICA E EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA

Maria do Socorro Vieira Coelho

Gilvan Mateus Soares

COMEÇANDO NOSSA CONVERSA...

Os avanços no ensino da língua portuguesa na escola pública brasileira têm ocorrido a partir do diálogo mais estreito entre a teoria construída no Ensino Superior e a prática pedagógica na Educação Básica. Tais progressos envolvem profissionais no cuidar da educação, responsáveis por estudar, discutir, averiguar e propor constantemente elucidações para os problemas da área. No contexto de conquistas de uma pedagogia da variação ou das relações entre língua, variação e ensino, podemos citar a publicação de “Tarefas da Linguística no Brasil” (conferência em 1965 e publicação em 1966), de Rodrigues, “Tarefas da Sociolinguística no Brasil” (1973), de Vandresen, e “Variação linguística, norma culta e ensino da língua materna (1973), de Castilho, textos que apontavam para a necessária discussão das questões educacionais e o ensino da língua.

Ressaltamos a proposta de criação do Grupo de Trabalho de Sociolinguística e Bilinguismo, atualmente Grupo de Trabalho de Sociolinguística (GT de Sociolinguística), apresentada em 12 de dezembro de 1985 e aprovada em assembleia no dia posterior (13/12/1985), sob a coordenação dos professores Jürgen Heye (PUC-RJ) e Sebastião Votre (UFRJ). No biênio 2004-2006, criou-se a subárea Ensino no GT de Sociolinguística, no período coordenado pela professora Jânia Martins (UFMG) (2004-2006), registrado na publicação “Estudos Sociolinguísticos: os quatro vértices do GT da ANPOLL” (RAMOS, 2006). O vértice “ensino” passou a ser denominado “Eixo Temático 3 - Sociolinguística e Ensino”, em 2014.

Evidenciamos um fato marcante para o entrelaçamento da sociolinguística ao ensino, também, sob organização da professora Suzana Cardoso (UFBA), a realização do “Seminário Nacional sobre Diversidade Linguística e Ensino da Língua Materna”, em 1993, na Universidade Federal da Bahia, que resultou na publicação de “Diversidade linguística e ensino” (1996-2004). Ainda na área de ensino, ocorreu o “Simpósio Nacional sobre Pesquisa e Ensino de Língua: contribuições da Sociolinguística”, em 1995, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Além disso, tivemos a proposição de uma “pedagogia da variação linguística”, feita pelo professor Carlos Alberto Faraco (2002), capítulo publicado no livro “Linguística da Norma”.

Por fim, salientamos a criação do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), em 6 de dezembro de 2012, e reconhecimento em 10 de outubro de 2013. O curso é oferecido em rede nacional, sob coordenação da Universidade Federal do Rio Grande do

Norte e com participação de 42 instituições de Ensino Superior, em 49 unidades. O programa tem como diferencial a capacitação de professores de língua portuguesa do Ensino Fundamental, almejando melhorar a qualidade da educação ofertada aos alunos. Assim sendo, o foco do programa é pesquisar um problema relativo ao processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa no contexto escolar de atuação do mestrando e, a partir dele, desenvolver proposta interventiva. A primeira defesa, ocorrida em 2014, foi da área de Sociolinguística, e a dissertação tinha o título “A variação linguística e o ensino de língua portuguesa: crenças e atitudes”, do educador Gilvan Mateus Soares, sob orientação da professora Maria do Socorro Vieira Coelho, na Universidade Estadual de Montes Claros, em Minas Gerais.

Diante disso, no contexto de comemoração dos 200 anos da Independência do Brasil, o objetivo deste texto é apresentar um panorama, ainda que breve, das propostas da Sociolinguística para o ensino, em especial a Sociolinguística Educacional, tendo como universo de pesquisa a escola e o ensino e a aprendizagem de línguas.

Afinal: Sociolinguística E/OU Sociolinguística Educacional?

A Sociolinguística, ramo da Linguística, supõe que se há língua em uso é porque há falantes vivendo socialmente, o que leva os estudos daquela área a considerar a associação entre língua e contexto social. Isso significa que os pesquisadores selecionam o arquétipo teórico metodológico que verifique a relação entre indivíduos que fazem usos da(s) língua(s) e de suas diferenças nos diversos meios em que (con)vivem, para a descrição e a análise de suas investigações linguísticas. A Sociolinguística postula que é possível, em meio à heterogeneidade linguística, descrever, analisar e explicar o comportamento de uma língua e seus possíveis fatores estruturais e não estruturais e, dessa maneira, revelar o sistema e seu funcionamento.

O desenvolvimento dessa disciplina decorre dos aportes das teorias linguísticas, como, por exemplo, os postulados registrados na obra *Curso de Linguística Geral* (1916) organizada pelos professores Bally (1865-1947) e Sechehaye (1870-1946), discípulos de Saussure (1857- 1913), que conceberam a língua como instituição social, ainda que apenas como um princípio geral e sob uma perspectiva objetivista abstrata. Além disso, Meillet (1921), ao entender a língua como fenômeno social, sugere uma abordagem não só interna, mas também externa.

Em 1964, reuniram-se em Los Angeles pesquisadores sob iniciativa de Bright, discutindo temáticas como variação e hipercorreção e etnologia da variação. Surge, nesse cenário, a Sociolinguística. Bright (1966) e Fishman (1964) realizam as primeiras investigações sociolinguísticas, considerando os aspectos sociais nas descrições linguísticas. Bright (1966)

salientava “a diversidade linguística” como a matéria de que trata a Sociolinguística. Para o autor, as dimensões desse estudo estão condicionadas a fatores sociais, com os quais a diversidade linguística se encontra relacionada nas identidades sociais dos interlocutores e na situação comunicativa.

É com Labov, porém, que os estudos sociolinguísticos, conhecidos como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação, seriam sistematizados, fixados. Labov destaca a função decisiva dos fatores sociais na explicação da variação linguística, correlacionando, dessa maneira, usos da língua a fatores sociais, como nível de escolaridade, situação socioeconômica, faixa etária, etnia, ocupação, sexo.

Desse modo, a Sociolinguística, a partir das pesquisas iniciais de Labov, desponta em relação estreita com a educação, pois não apenas faz a descrição e análise dos fenômenos linguísticos, mas, também, identifica a relação desse estudo com as estruturas sociais. Ao verificar as causas do baixo rendimento de alunos de variedades estigmatizadas, Labov (1966) problematiza a relação entre língua, sociedade e escola, destacando as contribuições dos estudos sociolinguísticos para a melhoria do ensino e, consequentemente, da convivência social. A esse respeito, no evento “Abralin ao Vivo: *Linguistics Online*” (2020) organizado pela Associação Brasileira de Linguística, Labov insiste na importância dos estudos sociolinguísticos para um ensino de língua efetivo, dando voz aos falantes e, com isso, tornando-se meio de promover a justiça social e contribuir para um mundo melhor: “Para compreender os falantes de uma língua, devemos ouvi-los e, se ouvirmos, eles falarão connosco de forma clara e simples e nos dirão o que deve ser feito para tornar o mundo que partilhamos um pouco mais justo do que era”. (original: *To understand the speakers of a language we must listen to them and if we listen they will speak to us clearly and simply and let us know what is to be done to make the world we share a little more just than it was* (LABOV, 2020, tradução nossa).

No Brasil, o estudo da Sociolinguística se desenvolveu a partir da segunda metade do séc. XIX. Conforme Votre (2020), em “Comemoração de 35 anos do GT de Sociolinguística” apresentado no evento “GT de Sociolinguística da ANPOLL 35 anos depois: reflexões e cenários?” (2020), “tivemos a formação em sociolinguística, nos grupos de Naro e Labov - da fonologia à morfologia - utilização de *corpus* de Competências Básicas do Português”. Acrescentamos ainda a informação veiculada por Votre (2020), no referido evento, de que a organização do grupo da sociolinguística correlacional, na PUC-RJ, por influência de Labov e Gregory Guy em 1975 foi crucial. Eles nos abriram para novas expectativas em relação ao status dos falares não cultos, regionais e diastráticos. Não fora Gregory, a sociolinguística brasileira não teria a cara que tem. Labov enviou para trabalhar com Naro e Lemle o seu mais brilhante aluno, uma pessoa extraordinária.

Destacamos, ainda, a realização de doutorado do professor Marco Antônio Oliveira em Linguística na University of Pennsylvania (1983), com a tese *Variation and Change in Brazilian Portuguese: The case of the liquids*, sob a orientação de William Labov, e o doutoramento da professora Stella Maris Bortoni de Figueiredo Ricardo, na *Lancaster University* (1983), com o título *The urbanization of rural dialect speakers*, sob orientação de Christopher Candlin e que, mais tarde, em 1990, realizou a pesquisa de Pós-Doutoramento, na Universidade da Pensilvânia. Citamos, também, o estágio de Pós-Doutorado feito pelo docente Sebastião Josué Votre, supervisionado por William Labov, nas universidades da Pensilvânia e Filadélfia (1980).

A Sociolinguística, conforme relato de Scherre e Roncarati (2008), passou a ser temática nos cursos de Letras, em 1976, pelo professor Julius Naro. Em disciplina acerca de línguas em contato, em Mestrado da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, discentes perguntaram se Naro poderia abordar a Teoria da Variação Linguística laboviana. O professor, então, informou que não havia preparado a aula nesse sentido, mas que, no próximo encontro, ministraria esse tema, introduzindo, desse modo, a Sociolinguística no currículo acadêmico brasileiro, e favorecendo o surgimento de pesquisas focalizando a variação linguística, sob orientação de Naro.

Hoje, esse ramo da Linguística já está assente nas universidades brasileiras, sempre atento às suas tarefas, principalmente, no tocante à melhoria do ensino do português nos níveis fundamental e médio, tanto em relação à formação de professores como à elaboração dos materiais didáticos. Conforme Vandresen (1973), nós os sociolinguistas somos responsáveis pelos fatos da linguagem que envolvem o “linguístico e o social” e, acrescentamos, ainda, a essa afirmação a aplicação da Sociolinguística à educação. Isso se justifica, porquanto o próprio início da Sociolinguística no Brasil esteve relacionado ao ambiente educacional, pois, conforme Naro (2008), o limiar das pesquisas sociolinguísticas se deu em decorrência do projeto “Competências Básicas do Português”, sob financiamento do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e da Fundação Ford. A professora Miriam Lemle, então, convidou o professor Naro a participar do projeto, que previa a realização de pesquisa e uso de computador. Nesse contexto, Naro, depois de ter visto uma palestra de Labov, cuja metodologia de pesquisa estava relacionada ao que era pretendido pelo MOBRAL, entrou em contato com o pesquisador norte-americano, que, por sua vez, encaminhou comunicação com Gregory Guy. A partir disso, Guy trouxe para o Brasil os pressupostos da pesquisa variacionista para o desenvolvimento do referido projeto.

A continuidade do desenvolvimento da Sociolinguística Educacional tem, mais recentemente, significativa contribuição e influência da pesquisadora e professora Stella Maris Bortoni-Ricardo. Essa vertente considera a variação linguística inerente a toda e qualquer língua em

uso, e procura trazer para as salas de aula os construtos dos estudos sociolinguísticos, com o objetivo de melhorar a qualidade do processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa.

Dentre os princípios que orientam a Sociolinguística Educacional, podemos citar a atuação da escola especialmente em estilos mais monitorados em eventos de letramento, o foco em regras variáveis que possam receber maior avaliação negativa e a promoção de uma abordagem da variação que considere a etnografia da sala de aula. Essa vertente da Sociolinguística tem representatividade em variadas instituições de ensino públicas e privadas de todas as regiões do Brasil, contando com inúmeros pesquisadores, com vasta e valiosa produção acadêmico-científica.

E qual interfaces possíveis da Sociolinguística Educacional com pesquisa, ensino e extensão ?

O GT de Sociolinguística da ANPOLL (2014) organiza-se em quatro eixos, a saber:

- Eixo 1 - Variação e Mudança Linguísticas,
- Eixo 2 - Contato, Variação e Identidade,
- Eixo 3 - Sociolinguística e Ensino,
- Eixo 4 - Teorias e métodos para o estudo da variação e mudança linguísticas: estado da arte e perspectivas.

O penúltimo eixo, o que nos interessa neste texto, além de se sustentar na teoria e metodologia da Sociolinguística Laboviana, orienta-se em recomendações de documentos oficiais da Educação Básica brasileira, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e a Base Nacional Comum Curricular (2017), entre outros referentes às competências específicas de língua portuguesa que consideram a variação linguística um fato natural, que precisa ser trabalhado cientificamente, seguindo a pedagogia da variação linguística, com o objetivo de ampliar a competência comunicativa dos alunos.

O Eixo 3 dedicado à Sociolinguística Educacional anota três áreas, sendo a primeira direcionada para a “sistematização das diversas regras variáveis em função de contínuos de variação”, cujo objetivo é verificar o proceder das variantes linguísticas de cada regra variável em relação aos contínuos de variação: “(i) modalidades (fala - escrita/eventos de oralidade - eventos de letramento); (ii) monitoração estilística (graus de formalidade); (iii) variedades no espaço físico (graus de urbanização: do mais rural ao mais urbano) e social (graus de escolaridade: do mais escolarizado ao menos escolarizado)” (BRESCANCINI, 2018, p. 7). Tal síntese tem como propósito oferecer orientações aos professores para que possam compreender as diferenças entre as variedades, modalidades e usos linguísticos, averiguando, em particular, fatos linguísticos em variação.

A partir dessa compreensão pelos professores, as atividades desenvolvidas com os alunos

poderão obter resultado mais produtivo em suas orientações, especialmente na discussão de conteúdos linguístico-gramaticais e na produção de texto. Estudar crenças e atitudes relacionadas aos usos das variantes linguísticas, objetivando organizar os possíveis empregos de prestígio ou estigmatizados no contexto das possibilidades, da diversidade da escola, é a tarefa da área 2 do referido eixo. O propósito é que, ao desenvolver pesquisas que focalizem a investigação de crenças e atitudes no ambiente escolar, os estudos possam compreender as avaliações e percepções de professores e alunos sobre as variantes, o que poderá favorecer a discussão sobre a “norma-padrão” e o seu lugar no processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa.

A terceira e última área contempla o desenvolvimento de metodologias para o trabalho didático com normas e variação linguística. Essa proposta destaca a necessidade premente de trabalhos que focalizem a abordagem da variação linguística em sala de aula, contemplando pesquisas que considerem os propósitos mais amplos do ensino da língua portuguesa na escola. O objetivo é, pois, integrar o tratamento da variação ao estudo gramatical e às aprendizagens da leitura e da escrita, favorecendo o desenvolvimento de conhecimentos, competências e habilidades pelos estudantes.

A organização dessas três áreas do eixo ‘Sociolinguística e Ensino’, que tem como objeto de estudo a sala de aula, norteará a descrição dos trabalhos arrolados neste texto, conforme consta na próxima seção. Nesse contexto, é importante considerar a relevância da extensão universitária na divulgação dos pressupostos sociolinguísticos, no contexto da Educação Básica. Por meio da articulação e comunicação entre os saberes sistematizados no meio acadêmico e as práticas e vivências na sociedade, são gerados novos conhecimentos que contribuem para a melhoria das relações sociais. Essa integração entre universidade e comunidade tem se concretizado sob diferentes formas, como, por exemplo, pela oferta de cursos de capacitação, realização de eventos acadêmicos, formação de professores durante módulos nas escolas (momentos de formação continuada que ocorrem semanal ou mensalmente), participação da comunidade em pesquisas e projetos.

Um pouco sobre as pesquisas sociolinguísticas e ensino de língua portuguesa

Com a formação de professores das nossas universidades no exterior e depois, no Brasil, foi possível expandir a inserção da disciplina Sociolinguística nos cursos de Pós Graduação, Graduação, grupos de pesquisa e Iniciação Científica. O resultado dessa propagação contínua culmina em robusta bibliografia que inclui teses, dissertações, monografias, artigos, livros e conferências, palestras, cursos e minicursos, entre outros gêneros de trabalhos científicos.

Nesse cenário, popularizam-se, também, as ideias, pressupostos e práticas da Sociolinguística Educacional, na abordagem das relações entre língua, variação e ensino. Salientamos a aproximação entre os cientistas da linguagem, as escolas de Ensino Básico, os profissionais da mídia e demais pessoas da comunidade brasileira, executando, dessa maneira, a tarefa que cabe à área de “Ciências Humanas”. Como é volumoso o número desses trabalhos, a seguir, apresentamos alguns que têm como objeto de estudo e reflexão o ambiente de ‘ensino e aprendizagem’ da língua portuguesa e suas variedades na Educação Básica sob a perspectiva da Sociolinguística Educacional. Por limitação de espaço físico, citamos apenas alguns trabalhos, dentre muitos outros:

(i) **livros:** Linguagem e escola: uma perspectiva social (SOARES, 1986); Alfabetização e Linguística (CAGLIARI, 1989); Educação em Língua Materna: a Sociolinguística em Sala de Aula (BORTONI-RICARDO, 2004); Nós chegou na escola, e agora? Sociolinguística e Educação (BORTONI-RICARDO, 2005); Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua (GÖRSKI; COELHO, 2006); Norma culta brasileira: desatando alguns nós (FARACO, 2008); Do campo para cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais (BORTONI-RICARDO, 2011); Dos dialetos populares à variedade culta (CYRANKA, 2011); Ensino de Português e Sociolinguística (MARTINS; RODRIGUES; TAVARES, 2014).

(ii) **pesquisas stricto sensu:** Por uma pedagogia da variação linguística: atitude linguística na sala de aula (MARQUES, 2013); Variação linguística e ensino: uma proposta para o tratamento da variação nas aulas de língua portuguesa (ALVES, 2015); Variação das formas interlocutivas de segunda pessoa: estratégias pedagógicas (GOUVÊA, 2016);

(iii) **Ensino de língua em uso:** discutindo variação linguística (QUEIROZ, 2018); A variação de ‘Tu’ e ‘Você’ no português falado e escrito em Lontra - MG (REIS, 2019); Uma proposta de ensino de língua portuguesa a partir da identificação de atitudes linguísticas de alunos do 7º ano de uma escola pública de Uberaba-MG (CUBA, 2019); “Dize-me como falas que te direi quem és”: crenças e atitudes linguísticas de discentes e docentes no espaço escolar (ESPINDOLA, 2019); A abordagem da variação lexical nas aulas de português: uma proposta de ensino a partir do gênero textual meme (GUIMARÃES, 2020); Um estudo sociolinguístico em uma escola do Mato Grosso a partir de produções textuais e metodologias de ensino (LIRA, 2022).

Percebemos, a partir do exposto neste texto, que a articulação e a integração entre as pesquisas realizadas nas universidades e as práticas e as vivências socioculturais das comunidades apontam para a importância da aplicação dos pressupostos da Sociolinguística Educacional para além dos muros das universidades. Desse modo, o número de trabalhos sociolinguísticos que

focalizam o processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa na Educação Básica tem aumentado consideravelmente, sendo de importante contribuição a criação do ProfLetras. É, pois, um valioso ciclo entre Pós-Graduação, Graduação, Educação Básica, professores, alunos e comunidades. Como exemplo desse ciclo, citamos as pesquisas: (i) A variação linguística e o ensino de língua portuguesa: crenças e atitudes (SOARES, 2014) – o estudo foi realizado com alunos de 6º e 8º Anos do Ensino Fundamental II e envolveu, também, a participação de famílias dos alunos e a realização de palestra sobre variação linguística e ensino para professores do 1º ao 5º Ano do Ensino Fundamental I. Ainda, houve apresentação em congressos e realização de oficinas/minicursos em eventos acadêmicos; e (ii) O uso variável das formas “mas” e “mais” na escrita e na oralidade de alunos do Ensino Fundamental – Janaúba/MG (VICENTE, 2021) – pesquisa realizada com alunos de 8º Ano do Ensino Fundamental II e que incluiu oferta de minicurso para professores da escola onde foi desenvolvido o estudo e oficina para graduandos do curso de Letras da Unimontes-MG.

Além da realização de pesquisas, podemos mencionar eventos, como o Simpósio de Variação Linguística e Ensino (SIMVALE), evento itinerante, versão em 2025 a ser realizado na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), e o Simpósio Internacional de Ensino da Língua Portuguesa (SIELP), organizado pelo Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Com foco na discussão sobre o ensino da língua portuguesa, esses eventos constituem importantes conhecimentos para a disseminação dos construtos da Sociolinguística Educacional, com expressiva participação de professores da Educação Básica.

São, assim, variadas as iniciativas de Norte a Sul do Brasil que demonstram a relevância da relação entre Pesquisa, Ensino e Extensão que promovem a melhoria da educação e, por consequência, da sociedade brasileira.

Encerrando, por hoje, a conversa...

A Sociolinguística e a Sociolinguística Educacional, embora sejam áreas de estudos que se desenvolveram a partir da década de 1960 e, mais recentemente, no Brasil, a última delas, com seus aportes, vêm influenciando positivamente tanto o Ensino Superior quanto a Educação Básica. A popularização das ideias sociolinguísticas não só se verifica na introdução do currículo das universidades brasileiras, nos cursos de Letras e em alguns cursos de Pedagogia, mas, também, em parte das orientações educacionais, como a Base Nacional Comum Curricular, mostrando o fortalecimento de um ciclo de pesquisa, ensino e extensão que se alimenta e retroalimenta.

O que se iniciou com o processo de alimentação, formação, hoje fecha um ciclo de pesquisa, ensino e aprendizagem e elaboração de material didático. Esse processo conta com a

participação ativa de professores de Ensino Superior, graduandos de Letras e professores de ensino público da Educação Básica. Um trabalho em parceria ativa entre Pós-Graduação, Graduação e Educação Básica que tem resultado positivo que vai desde a organização e a participação de/em eventos presenciais ou virtuais até o desenvolvimento de diversos trabalhos, como a publicação de teses, dissertações, artigos, capítulos de livros e material didático inovador, um conjunto robusto de referências acessíveis em versões audiovisuais ou impressas nos meios digitais, bibliotecas ou repositórios das universidades e em livrarias. Confirma-se, pois, a popularização da Sociolinguística e da Sociolinguística Educacional no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRESCANCINI, C. R. **GT de Sociolinguística**: Relatório Biênio 2016-2017. Porto Alegre: ANPOLL, 2018. Disponível em: <http://anpoll.org.br/gt/sociolinguistica/wp-content/uploads/sites/38/2013/03/Sociolinguistica-Relato.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2022.
- LABOV, W. Justice as a Linguistic Matter. In: **ABRALIN ao Vivo**. [s. l.], ABRALIN, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hqrsHmhcrSQ>. Acesso em: 17 jun. 2022.
- NARO, A. J. Entrevista com Anthony Julius Naro. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia (Orgs.). **Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil**: uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 13-20.
- SCHERRE, M. M. P.; RONCARATI, C. Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL): Origens e Trajetórias. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (Orgs.). **Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil**: uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 17-49.
- VANDRESEN, P. Tarefas da sociolinguística no Brasil. **Revista de Cultura Vozes**, v. LXVII, n. 8, 1973, p. 5-11.
- VOTRE, S. Comemoração dos 35 anos do GT de Sociolinguística. In: **GT de Sociolinguística da ANPOLL 35 anos depois**: reflexões e cenários? Rio de Janeiro: Festival do Conhecimento UFRJ, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=twqavEdS8Vw>. Acesso em: 17 jun. 2022.

SOBRE OS AUTORES

CAROLINE CARNIELLI BIAZOLLI

Doutora e mestra em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP-FCLAr, com pesquisas fomentadas, respectivamente, pela CAPES e pela FAPESP. Realizou estágio de doutorado no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, com bolsa CAPES/PDSE. Cumpriu estágio pós-doutoral em Sociolinguística na UNESP-FCLAr, com o apoio do CNPq. É professora adjunta do Departamento de Metodologia de Ensino (DME) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UFSCar). Atua, em especial, nas áreas de Sociolinguística (Variacionista e Educacional) e de Ensino e Aprendizagem de Línguas, particularmente de Língua Portuguesa como língua materna. Vice-líder do Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara (SoLAr). E-mail: caroline.biazolli@ufscar.br

CLAUDIO DE ALENCAR PADUA

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro do PEUL ? Programa de Estudos sobre o Uso da Língua. Contribuiu na elaboração do currículo do Curso de Tecnólogo em Construção Naval da UEO - Fundação Centro Universitário Estadual da Zona Oeste, onde ministrou as disciplinas de Arquitetura Naval, Análise de Transportes Marítimos, Análise de Viabilidade Econômica de Projetos Oceânicos, Introdução à Indústria Naval e Oceânica, no período de 2007 a 2009. Técnico Administrativo no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES, desde 2005. E-mail: claudiopadua@letras.ufrj.br

ELIMARIA OLIVEIRA LIMA

Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e bolsista de doutorado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA). Mestra em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Boa Esperança (FAFIB), Especialista em Linguística Aplicada na Educação e em Psicopedagogia com Ênfase em Gestão e Supervisão Escolar. Técnica em Administração no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Maranhão e professora substituta no curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: E-mail: elimarialima@letras.ufrj.br

GILVAN MATEUS SOARES

Graduação em Letras - Português pela Universidade Federal de Minas Gerais, Graduação em Pedagogia pela Universidade de Uberaba, Especialização em Letras - Português e Literatura pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá, Especialização em Práticas Pedagógicas pela Universidade Federal de Ouro Preto, Mestrado Profissional em Letras pela Universidade Estadual de Montes Claros, Doutorado em Estudos Linguísticos pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Pós-Doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade do Estado de Mato Grosso.E-mail: gilvanprofessor@uol.com.br

JULIANA BERTUCCI BARBOSA

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP-Araraquara, com estágio de doutorado sanduíche na Universidade de Lisboa, bolsa CAPES. Pós-Doutorado em Linguística (Sociolinguística) na FCLAr-Unesp, bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado/Capes (PNPD/CAPES). Atua nos cursos de Licenciatura em Letras e Mestrado Profissional em Letras (Profletras) na UFTM. Professora do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da FCLAr-Unesp. Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Variacionistas (GEVAR). Vice-Coordenadora do GT de Sociolinguística (2021-2023/ 2023-2025). Realiza pesquisas na área de descrição do português brasileiro, banco de dados e ensino de língua portuguesa (materna e não materna) na perspectiva variacionista. E-mail: julianabertucci@gmail.com

MARCIA DOS SANTOS MACHADO VIEIRA

Doutora e Mestre em Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001 e 1995, respectivamente). Atualmente é Professora Associada do Departamento de Letras Vernáculas. Tem experiência em pesquisa nas áreas de Letras e Linguística, com ênfase em Língua Portuguesa: estabilização, variação e mudança de fenômenos fonéticos (pretônicas) e morfossintáticos (construções de referênciação e predicação); mudança decorrente de mecanismos de gramaticalização, lexicalização, mudança construcional e construcionalização; auxiliaridade; impersonalização discursiva; intensificação e atenuação; temporalidade, aspectualidade e modalização. Coordena: o Projeto brasileiro PRÉDICAR Formação e expressão de predicados complexos e predicações (<https://projeto-predicar.wixsite.com/predicar>); entre outros. Foi membro da Diretoria da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa (2^a Tesoureira) no biênio 2021-2023. Foi coordenadora do GT de Sociolinguística (2018-2023). E-mail: marcia@letras.ufrj.br

MARCUS GARCIA DE SENE

Doutor e mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Araraquara). Licenciado em Letras Português - Inglês pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima. Atualmente, é Professor Adjunto da Universidade de Pernambuco (UPE) campus Garanhuns, atuando no Departamento de Linguística e Práticas de Ensino. É Professor Permanente e Vice-coordenador do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS UPE/Garanhuns). Coordena o grupo de pesquisa (i) Variação linguística, Avaliação subjetiva, Ensino de Língua Portuguesa e Teorias Linguísticas (VAELP-TL). É membro permanente do GT de Sociolinguística da ANPOLL e sócio da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). Integra o Núcleo de Pesquisa em Sociolinguística de Araraquara (SoLAr). E-mail: marcus.sene@upe.br

MARIA CECILIA MOLLICA

Possui graduação em Licenciatura Em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1972), mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1977) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989). Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: linguística, variação e mudança, educação, alfabetização e educação de jovens e adultos. Integrante do GT de Sociolinguística da ANPOLL. E-mail: ceciliamollica@terra.com.br

MARIA DO SOCORRO VIEIRA COELHO

Professora de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Montes Claros desde 1995. Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais, Doutora em Língua Portuguesa e Linguística pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Pós-Doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais (2015) e pela Universidade de São Paulo (2018). Suas linhas de pesquisa têm sido em Linguística e Língua Portuguesa – diacronia e sincronia; Língua Portuguesa e Ensino; Literatura de Autoria Feminina. Integra do GT de Sociolinguística da ANPOLL. E-mail: soccoelho@hotmail.com

MILENA APARECIDA DE ALMEIDA

Mestra e doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho' - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCLAr). Possui graduação bacharel/licenciatura em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho' - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCLAr) (2019). Realiza pesquisa na área da Sociolinguística sob orientação da Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck e é integrante do Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara - SoLAr. Tem como interesse os temas: sintaxe; orações relativas; pronomes relativos onde; gramaticalização; estilo; identidade; comunidade de prática. E-mail: milena.aparecida@unesp.br

NATALIA FONTE BOA ROMUALDO

Mestra em Linguística e Língua Portuguesa (Unesp-FCLAr/Capes), especialista em Tecnologias para Aprendizagem Ativa (Imes), licenciada em Letras Português e Inglês (UFTM) e Professora de Português como Língua Estrangeira. Atua como membro do GT de Sociolinguística da Anpoll e é integrante do Grupo de Estudos Variacionistas (Gevar UFTM/UFU) e do Grupo de Pesquisa em Educação, Tecnologias e Práticas de Ensino (GETE). Seus temas de interesse são Português como Língua Estrangeira, Sociolinguística da Percepção, Letramento Emocional e Popularização da Linguística. E-mail: fonteboanatalia@gmail.com

RAQUEL MEISTER KO FREITAG

Professora Titular do Departamento de Letras Vernáculas, com atuação no Programa de Pós-Graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe. Atualmente, estuda o processamento da variação linguística, observando pistas corporificadas de esforço, atenção e emoções. Atua em estudos de reprodutibilidade em linguística e em psicologia experimental, em iniciativas de grandes grupos, e estou participando da constituição da Rede Brasileira de Reprodutibilidade na Ciência. Também desenvolve atividades de popularização da ciência e estímulo à pesquisa na educação básica, com o projeto Cienart e com a organização da Feira Científica de Sergipe durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, etc. e Foi vice-presidente da Associação Brasileira de Linguística ABRALIN (2019-2021), gestão que implantou a série Abralin ao Vivo e o evento online Linguistweets. Atualmente é a coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, e membro do Conselho Deliberativo do CNPq (2024-2026). E-mail: rkofreitag@uol.com.br

ROSANE DE ANDRADE BERLINCK

Licenciada em Letras Português-Inglês pela Universidade Federal do Paraná (1982), mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1988), doutora em Linguística pela Katholieke Universiteit Leuven - Bélgica (1995). Entre 2014 e 2015 desenvolveu estágio de pós-doutoramento no Sociolinguistics Laboratory, da University of Ottawa, Canadá. Atualmente é professora assistente doutora do Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas

(DLLLC), da Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Araraquara, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Atua, em especial, nas áreas de Sociolinguística e Linguística Histórica, em pesquisas sobre o português brasileiro, morfologia verba;; morfossintaxe (concordância), sintaxe (ordem, predicação, complementação), variação e mudança linguísticas, correlações entre gênero textual, estilo, norma(s) e variação/mudança linguística. Coordena o SoLAr - Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara (CNPq). E-mail: rosane.berlinck@unesp.br

SILVIA MARIA BRANDÃO

Doutora e mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCLAr). Graduada em Letras Português/Francês pela mesma instituição. Possui Pós-graduação em Análise de Dados e Matemática Aplicada, Avaliação Educacional e Gestão do Trabalho Pedagógico. Já foi Secretária Municipal de Educação e, atualmente, é assessora e consultora de educação na Flume – Assessoria de Educação Especializada, com foco em inovação humanizada e aumento da qualidade educacional no ensino básico, bem como é professora de redação no Colégio Maximus. Atua também como pesquisadora e colaboradora externa no projeto “+IDEB: assessoria com foco em aumento da qualidade educacional”, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas, Campus Inconfidentes. É sócia da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) e membro permanente do GT de Sociolinguística da ANPOLL. Integra o Núcleo de Pesquisa em Sociolinguística de Araraquara (SoLAr). E-mail: silviafclar@gmail.com

TALITA DE CÁSSIA MARINE

Professora e pesquisadora de Linguística e Língua Portuguesa do ILEEL-UFG e atua no Mestrado Profissional em Letras da UFU. Também é líder do Grupo de Estudos Variacionistas (GEVAR) e desde julho de 2016 atua como membro permanente do GT de Sociolinguística da Anpoll. Graduada em Letras Português/Alemão FCLAr-Unesp. Realizou Mestrado e Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa na FCLAr-Unesp com estágio PDEE na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e no Centro de Linguística da mesma universidade. Possui Pós-doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Letras: ensino de língua e literatura da UFT. Suas pesquisas atuais estão concentradas na área de Sociolinguística com interface ao ensino de Língua Portuguesa e ao Letramento Científico de professores e alunos da Educação Básica. E-mail: talita.marine@gmail.com



AM

PA

MA

RO

TO

BA

GO

MG

SP

RJ

PR

ISBN 978-655376461-3



9 786553 764613